



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

ÍTALO OLIVEIRA DE JESUS

**SEU JORNAL: ANÁLISE DO MODO DE
ENDEREÇAMENTO NO TELEJORNAL DA TV DOS
TRABALHADORES**

Salvador

2013

ÍTALO OLIVEIRA DE JESUS

“SEU JORNAL”:

**ANÁLISE DO MODO DE ENDEREÇAMENTO DO TELEJORNAL
DA TV DOS TRABALHADORES**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Itania Maria Mota Gomes

Salvador

2013

AGRADECIMENTOS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho pude contar com a ajuda e a atenção de algumas pessoas que foram importantes e indispensáveis para a sua conclusão.

A Itania, professora cujo exemplo vou levar para toda a vida.

Ao Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, pelas discussões e pelo convívio tão saudável ao longo desse tempo.

Ao CNPq, pelo financiamento da Iniciação Científica.

A Gabrielli, Valéria e Verena, pela amizade que transcendeu a relação acadêmica e pelo apoio nas horas mais difíceis.

A Cecília, Carol e Márcio, pelo exemplo de profissionalismo e pela amizade.

À minha família, pelo suporte para que eu chegasse até aqui.

A Caio, pelo carinho, pela paciência e apoio a qualquer hora.

A Anna Larissa, Clara, Eric e Louise, pela amizade incondicional.

DE JESUS, Ítalo Oliveira. **Seu Jornal:** análise do Modo de Endereçamento no Telejornal da TV dos Trabalhadores. Monografia – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

RESUMO

Em 2010, a TV dos Trabalhadores (TVT) foi criada em São Paulo. A primeira outorga de TV aberta dada a um sindicato de trabalhadores no Brasil, através da Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista aconteceu durante o segundo mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores. O objetivo do trabalho foi ver e analisar o modo de endereçamento do primeiro e único telejornal da emissora, o *Seu Jornal*. Para isso utilizamos a Metodologia de Análise de Telejornalismo desenvolvida pela pesquisadora Itania Gomes no âmbito do Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Universidade Federal da Bahia.

Palavras-chave: telejornalismo; Seu Jornal; modo de endereçamento; TV dos Trabalhadores; sindicalismo;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentação do comentário sobre política internacional	37
Figura 2: Exemplo de Primeiro Plano. O mais próximo que o apresentador chega do telespectador	38
Figura 3: Plano Médio. O enquadramento mais utilizado pelo Seu Jornal	39
Figura 4: Plano Geral. Na imagem acima, o apresentador Carlos Ribeiro conversa com Paulo Donizetti, da Revista do Brasil. Edição do dia 12 de dezembro de 2011	40
Figura 5: Imagens da vinheta do Seu Jornal	41
Figura 6: A repórter Michelle Gomes, ao vivo, da redação do telejornal	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. TELEVISÃO E TELEJORNALISMO NO BRASIL	10
2.1 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO CULTURAL	12
3. O JORNALISMO SINDICAL	17
3.1 A COMUNICAÇÃO NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC ...	20
4. A TV DOS TRABALHADORES	21
5. METODOLOGIA DE ANÁLISE DO TELEJORNALISMO	24
5.1 MODO DE ENDEREÇAMENTO	25
6. SEU JORNAL: O TELEJORNAL DOS TRABALHADORES	28
6.1 “O TELEJORNAL DOS QUE BUSCAM UM MUNDO MAIS JUSTO” ...	28
6.2 A CUT E OS MOVIMENTOS SOCIAIS PAUTAM O SEU JORNAL	32
6.3 O SEU JORNAL X GRANDE IMPRENSA	47
6.4 A SENSIBILIZAÇÃO DO TELESPECTADOR NO SEU JORNAL	52
6.5 A TVT APRENDE A FAZER TV	60
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
9. REFERÊNCIAS	71

1. INTRODUÇÃO

Liderando por anos a lista dos países mais desiguais do mundo, o Brasil tem passado por importantes e profundas mudanças sociais, econômicas e políticas nos últimos anos. Desde a redemocratização, em 1985, o país estabilizou a moeda e controlou a inflação, mas as mudanças mais intensas aconteceram após 2003, com a posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva, eleito com 55 milhões de votos. Com o apoio histórico dos movimentos sociais e entidades da sociedade civil, como o sindicatos, e de diversos partidos, o candidato chegou ao governo e deu início a uma série de mudanças nas políticas sociais.

O ex-presidente fez carreira como dirigente sindical no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista (SMABC). A região – formada por Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul - é considerada até hoje a mais industrialmente desenvolvida do país, teve papel importante no processo de desenvolvimento do país, com a instalação de fábricas e indústrias, entre elas automotivas. Após o Golpe Militar, os anos de repressão obrigaram os movimentos sociais, sindicatos e entidades da sociedade civil – incluindo parte da Igreja Católica – a se organizarem. Não é a toa que muitos historiadores apontam o movimento gravista no ABC Paulista, no final da década de 70 e início da década de 80, como o ponto de partida para o declínio e enfraquecimento do regime militar.

Com forte presença na região em virtude do grande número de empresas automotivas, o SMABC se tornou um dos mais importantes e organizados sindicatos da região e do Brasil. Ainda hoje, o sindicato mantém a sua posição como um dos principais do país. Esse poder econômico e político levou o sindicato a lutar por um canal de televisão, cujo objetivo seria mostrar o trabalhador: a TV dos Trabalhadores. A emissora foi criada em 2010 e entre seus programas está o *Seu Jornal*, telejornal diário apresentado às 19h, de segunda a sexta-feira. A criação de um programa desse gênero numa emissora com essas características nos chamou a atenção, uma vez que em nenhum outro momento o país teve um canal de TV surgido no movimento sindical e com sinal aberto.

A partir dessas considerações e com a criação da TV dos Trabalhadores, a questão que se coloca neste trabalho é: de que forma um telejornal semanal – exibido de segunda a sexta-feira – de uma televisão educativa mantida por um sindicato se endereça ao seu público? De que forma este telejornal constrói um estilo a ser reconhecido pelo seu telespectador?

Na tentativa de responder essas questões, o nosso objeto de estudo, o Seu Jornal, foi submetido à Metodologia de Análise de Telejornalismo, desenvolvido por Itania Gomes e fruto dos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, que em 2011 completou 10 anos. A Metodologia trabalha com conceitos como Estrutura de Sentimento, Modo de Endereçamento e Gênero Televisivo e desenvolveu quatro operadores para a análise do modo de endereçamento de produtos telejornalísticos: mediador, contexto comunicativo, pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática do telejornal.

Essa abordagem analítica tem como base teórica os Estudos Culturais, corrente de investigação que surgiu no final da década de 1950 na Inglaterra e teve como fundadores Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward Thompson. Segundo essa corrente de pensamento, a relação entre cultura e sociedade não pode ser separada. Assim sendo, a cultura abarca todas as relações sociais, políticas e de poder nas quais as nossas práticas cotidianas estão inseridas. Pensar a análise de um telejornal a partir dessa corrente implica ver o telejornalismo como resultado da articulação dessas relações. De acordo com Raymond Williams (1979), o jornalismo é uma instituição social e sua construção é cultural. Essa definição do autor se torna clara neste programa, uma vez que podemos observar o contexto social, político e econômico no qual surgem a TV dos Trabalhadores e o *Seu Jornal*. Mais ainda se levarmos em conta que os sistemas de televisões do Brasil é majoritariamente composto por emissoras privadas e líderes de audiência.

Diversos trabalhos surgidos no grupo de pesquisa utilizaram a metodologia, mas nenhum programa tinha características semelhantes, o que provocou uma série de questionamento que tentaram ser respondidos neste trabalho. Primeiro, explicamos um pouco do contexto em que a televisão surge no Brasil. Em seguida, fazemos um breve histórico do jornalismo sindical e da comunicação dentro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Depois, explicamos a nossa metodologia para, então, começar o esforço

analítico numa tentativa de encontrar as marcas do programa e observar o seu modo de endereçamento. O corpus deste trabalho é composto por duas semanas de gravação, totalizando 10 programas. A primeira semana se refere ao período entre 12 e 16 de dezembro de 2011 e, a segunda semana, ao período que vai de 23 a 27 de janeiro de 2012.

2. TELEVISÃO E TELEJORNALISMO NO BRASIL

No Brasil, a televisão se tornou o mais importante instrumento de comunicação e seu alcance e dimensão chegaram a patamares comparados apenas ao do rádio em seus anos de ouro. O processo de desenvolvimento tecnológico e cultural da TV fez com que ela fosse capaz de chegar aos mais improváveis rincões de um país com as dimensões continentais como o Brasil. Segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, 97% dos domicílios brasileiros tinham pelo menos um aparelho televisor. Em 2000, o número de residências com o aparelho era de 85%¹. Apesar de ser uma propriedade do Estado, o sistema de televisão no Brasil se desenvolveu a partir da concessão de canais a grupos privados. Essas concessões são renovadas a cada 15 anos e ficam a cargo do Ministério das Comunicações a partir de uma série de documentações e exigências solicitadas às emissoras. As cinco maiores emissoras de televisão do país são privadas: Globo, Record, SBT, Bandeirantes e Rede TV.

Como a televisão se desenvolve de forma específica em cada sociedade, os sistemas de televisão foram constituídos de maneiras diferentes ao redor do mundo. Na América Latina, por exemplo, o sistema privado e comercial foi o que se estabeleceu de forma hegemônica, ao contrário do que aconteceu na Europa. Jesús Martín-Barbero e Germán Rey (2001) dizem que “na grande maioria dos países da América Latina se verifica notável consolidação do privado, em concomitância com sensível debilidade do público”. No Brasil, onde a primeira emissora de TV² fundada foi privada, o sistema de exploração por meio de grandes grupos privados também se tornou predominante, com as principais emissoras do país e líderes de audiência nas mãos de empresas de comunicação.

De acordo com Barbero e Rey:

O fortalecimento do privado se manifesta tanto na inserção da televisão nas lógicas comerciais quanto em sua constituição como uma das indústrias contemporâneas mais significativas, pelos graus de investimento econômico que maneja, por sua integração com outras áreas da economia, pela

¹ Em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=8600

² TV Tupi iniciou suas operações em 1950. A emissora paulista foi fundada por Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, na época, o maior grupo de comunicação do Brasil.

diversificação dos mercados e pela racionalização de seus processos de produção (BARBERO; REY, 2001, p. 67).

Os autores falam sobre a capacidade da televisão de ficar com maior parte dos recursos de publicidade e como produtos da televisão, a exemplo das telenovelas e os noticiários, possuem recursos orçamentários milionários. Em um artigo sobre as estratégias da TV Globo – maior emissora de televisão do Brasil – a pesquisadora Itania Gomes (2011) observa a relação histórica entre política e economia na emissora e em seu principal telejornal, o Jornal Nacional (JN).

Segundo a autora, o Jornal Nacional representa o “conjunto mais bem acabado de marcas que caracterizam o telejornal no Brasil” (GOMES, I., 2010, p.6). Para Itania (2010), “o JN é, atualmente, o telejornal mais popular do Brasil, personagem importante na história política, econômica e social do país”. Um dos exemplos dessa popularidade está nos índices de audiência do programa: 31 pontos e 59% de share³, segundo dados do Ibope referentes a fevereiro de 2012 e divulgados pela Direção Geral de Comercialização da própria emissora⁴. Segundo Gomes:

[...] o Jornal Nacional é produto da articulação entre os interesses da elite brasileira e do governo militar e os idéias de modernização e de integração nacional, articulação que implicará no desenvolvimento, por parte da TV Globo, de uma estratégia que significou submeter-se à Ideologia da Segurança Nacional e à censura ao mesmo tempo em que se transformava na principal emissora de televisão no Brasil (GOMES, I. 2010, p. 6).

Apesar de ser o telejornal mais antigo em exibição no Brasil, o Jornal Nacional não foi o primeiro telejornal do país. O *Imagens do Dia* era exibido pela então recém-criada TV Tupi. O telejornal foi exibido pela primeira vez em setembro de 1950, no mesmo mês em que a emissora de televisão foi inaugurada. Segundo o pesquisador Guilherme Rezende (2010), os primeiros telejornais do país são fortemente marcados pela influência do rádio e eram precários do ponto de vista técnico, o que acabava por refletir na qualidade do programa.

³ Porcentagem de televisores ligados no canal em relação ao total.

⁴ Em <http://comercial2.redeglobo.com.br/programacao/Pages/jornal-nacional.aspx?a=2>. Acessado em 18/04/2012.

Em seus anos iniciais, os telejornais eram bastante parecidos em relação à aparência, ao visual. Rezende (2010) afirma que “os noticiários eram apresentados por locutores com estilo ‘forte e vibrante’”, o que marcaria a influência do rádio. Em termos visuais, segundo Fernando Barbosa Lima, “os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador” (1985 apud REZENDE, 2010, p.57). O *Imagens do Dia* não foi, no entanto, o único telejornal a surgir na emissora. Em 1952, a TV Tupi criou o *Telenotícias Panair*, exibido às 21h, e, pouco depois criou aquele que viria a ser o principal telejornal da época, o *Repórter Esso*.

Os anunciantes eram os responsáveis por bancar as produções televisivas no começo da TV brasileira. Em seu artigo sobre o Jornal Nacional, Itania Gomes (2010) afirma que isso acontecia porque o tempo na TV custava menos do que o custo para produzir os programas, o que levava os anunciantes não só a financiar, mas também a viabilizar a realização da produção. As agências de publicidade eram as responsáveis pela produção dos programas e também pela contratação dos artistas e jornalistas das emissoras. Segundo Gomes, “nesse período, eram os anunciantes que estabeleciam a programação televisiva” (2010, p. 9). Nesse contexto nasce o Repórter Esso, o telejornal de maior audiência na época (GOMES, I., 2010). Patrocinado por uma grande multinacional do setor de petróleo, o telejornal surge em 1952, exibido pela TV Tupi no Rio de Janeiro. Somente no ano seguinte o programa passou a ser exibido na cidade de São Paulo (REZENDE, 2010). Esse modelo de produção dos programas televisivos, entre eles o telejornal, só vai ser modificado posteriormente, quando as agências passam a comprar os espaços nas redes de TV, ao invés de patrocinarem as produções (GOMES, I., 2010).

É importante ressaltar que o surgimento dos primeiros telejornais brasileiros acontece dentro de uma emissora pertencente a um importante grupo de comunicação da época, o *Diários Associados*. Fundado por Assis Chateaubriand, o conglomerado de comunicação foi um dos maiores que o país teve na época, abrigando sob sua administração rádios, emissoras de TV e jornais de grande circulação em vários estados do país, a exemplo do Estado de Minas e Diário de Pernambuco. O grupo existe ainda hoje, possuindo canais de TV, rádios e jornais, como o Correio Braziliense.

2.1 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO CULTURAL

A análise do telejornal tem como base teórica e metodológica as pesquisas dos *Estudos Culturais* em associação com os estudos da linguagem. Diversos autores tem se debruçado diante da discussão sobre a cultura em seus mais diversos âmbitos e formas, incluindo aí a televisão e o telejornalismo. Pensar algo dentro da perspectiva dos estudos culturais deve levar em conta aspectos das mais diversas ordens: históricos, culturais, sociais e ideológicos do telejornalismo. Além disso, pensar o telejornalismo dentro da abordagem dos estudos culturais “deve implicar articular suas dimensões técnica, social e cultural” (GOMES, 2007, p. 4). Essa abordagem se mostra pertinente quando falamos do objeto de estudo a ser analisado neste trabalho: um telejornal de uma emissora outorgada a um sindicato de trabalhadores, de uma das regiões mais ricas e desenvolvidas do país, e de onde saiu um ex-presidente da República.

Antes de tudo, consideramos - a partir de Raymond Williams (1997) - a televisão como uma tecnologia e uma forma cultural (o autor usa o termo “*particular cultural technology*” em *Television* (1974)) – ao mesmo tempo, e o jornalismo como uma instituição social. Em *Television* (1974), Williams faz um panorama a respeito de diferentes visões sobre o desenvolvimento da televisão como algo determinista, do ponto de vista tecnológico ou sintomático, do ponto de vista social. Para ele, o desenvolvimento da TV como uma tecnologia e forma cultural foi algo mais complexo que a dualidade das visões:

A invenção da televisão não foi um evento específico ou uma série de acontecimentos. Dependeu de um complexo de invenções e desenvolvimento na eletricidade, telegrafia, fotografia, cinema e rádio. Pode ser dito que se separou como um objetivo tecnológico específico no período 1875-1890 e então, depois de um atraso, se desenvolveu como uma empresa de tecnologia específica de 1920 até os primeiros sistemas públicos de televisão dos anos 1930 (tradução nossa) (WILLIAMS, 1974, p. 7)⁵.

A partir dessa ideia de televisão como forma cultural, o telejornalismo pode ser visto como uma construção cultural, uma vez que o seu desenvolvimento se dá nas formações econômicas, culturais e sociais de cada sociedade, e cumpre, também, funções nessas

⁵ The invention of television was no single event or series of events. It depended on a complex of inventions and developments in electricity, telegraphy, photography and motion pictures, and radio. It can be said to have separated out as a specific technological objective in the period 1875–1890, and then, after a lag, to have developed as a specific technological enterprise from 1920 through to the first public television systems of the 1930s (original)

formações. Os discursos, ou seja, o que se diz sobre o jornalismo e o seu papel nas sociedades modernas ocidentais, são construídos culturalmente, não são da ordem da natureza. Assim como observado por Williams (1974), o jornalismo não se configura apenas nas possibilidades técnicas oferecidas nos anos anteriores, mas na articulação destas possibilidades técnicas com determinadas condições históricas e sociais. Como todas as instituições, o jornalismo faz uso de um discurso para afirmar sua legitimidade social. Ao longo dos últimos 200 anos, o jornalismo construiu um discurso sobre seu papel social de forma a legitimá-lo, tanto para os profissionais quanto para a sociedade. Segundo Wilson Gomes:

Um discurso social é um conjunto de falas, locuções, textos, sentenças em circulação onde se postulam e reafirmam visões de mundo, valores, teses, apreciações a cerca de temas ou núcleos de temas relevantes para a sociedade ou para um setor social específico (GOMES, W. 2009, p. 67).

Sobre os discursos produzidos pelas instituições, o autor diz que o discurso das instituições para se legitimarem socialmente deve levar em conta algumas considerações:

Não é propriamente teoria, sobretudo porque não desenvolve mecanismos de provas e demonstrações semelhantes aos empregados no discurso científico, embora freqüentemente ganhe a forma de teses ainda mais apodíticas do que as da ciência. Por outro lado, mais que o discurso científico, promove o engajamento existencial, oferecendo motivações, explicações e razões de ser, orientando a existência e as suas decisões, ordenando e hierarquizando os valores adotados pelos indivíduos, estabelecendo e justificando vocações. Nesse sentido, atinge antes de tudo o próprio campo social, seus agentes, suas instituições e sua mentalidade, sustentando as crenças fundamentais e organizando as convicções sobre natureza, sentido e destinação do próprio campo (GOMES, W. 2009, p. 67).

Esse discurso teria também uma função direcionada à sociedade em geral, uma vez que a instituição social necessita criar nesta última as mesmas convicções internas do campo social de origem. No caso, o jornalismo concebe um discurso social sobre si tanto para o próprio campo quanto para a sociedade em geral. Esta legitimidade, que aconteceria a partir da função prática do jornalismo, tem como base os valores socialmente reconhecidos por determinada sociedade (GOMES, W. 2009, p. 68).

Em uma análise e estudo do processo histórico em que se desenvolve a imprensa nos Estados Unidos, Michael Schudson (1978) nos mostra como o jornalismo se desenvolveu e foi se construindo enquanto instituição social específica em relação ao contexto social, histórico e econômico do país, com um grande enfoque no surgimento e desenvolvimento do conceito de objetividade na imprensa estadunidense. Segundo o autor, a virada que leva a objetividade a ser uma “máxima” a ser alcançada pelos jornalistas acontece em 1830. Ao falar sobre as mudanças no jornalismo, ele diz que estas mudanças, que ocorreram nos anos 1830, levaram “ao triunfo da ‘notícia’ sobre o editorial e dos ‘fatos’ sobre a opinião, uma mudança moldada pela expansão da democracia e do mercado, e que, com o tempo, conduziria à incômoda submissão do jornalista à objetividade” (SCHUDSON, 1978, p. 25).

O autor mostra como o surgimento dos “*penny papers*” – jornais vendidos a preços populares que concorriam com os “*six penny*”, mais caros e cujo conteúdo era majoritariamente voltado para política e economia –, foi se disseminando na maior parte das principais cidades norte-americanas da época e causaram uma “revolução comercial” no jornalismo. Esta mesma imprensa popular, surgida no século XIX, foi a responsável pelo surgimento do conceito moderno de notícia, segundo ele. Em suas palavras:

A imprensa popular era diferente, não somente em organizações econômica e posição política, mas em seu conteúdo. O caráter dessa originalidade é simplesmente este: a imprensa popular inventou o conceito moderno de “notícia”. Pela primeira vez, os jornais norte-americanos transformaram em uma prática regular a publicação de notícias políticas, não apenas internacionais, mas domésticas, e não somente nacionais, mas locais; pela primeira vez, eles divulgaram relatos policiais, dos tribunais, das ruas, da vida privada. Poder-se-ia dizer que, pela primeira vez, o jornal considerava não apenas o comércio ou a política, mas a vida social (SCHUDSON, 1978, p. 34).

O autor expõe como o surgimento de uma imprensa de custos baixos surgiu em Nova York e conseguiu se expandir por outras cidades dos Estados Unidos, além de estabelecer valores que ainda hoje são defendidos por jornalistas e servem de legitimação por parte de grupos de comunicação. Ainda no começo do seu livro “Descobrimo a Notícia” (1978), o autor faz uma interessante reflexão acerca da objetividade como valor do jornalismo:

A objetividade é uma estranha exigência a se fazer a instituições que, como sociedades comerciais, dedicam-se antes de tudo à sobrevivência econômica. É uma estranha exigência a se fazer a instituições que, com frequência, por tradição ou por código explícito, são órgãos políticos. É uma estranha exigência a se fazer a editores e repórteres que não contam com nenhum dos aparatos profissionais que, no caso de médicos, advogados ou cientistas, supostamente a garantem (SCHUDSON, 1978, p. 13).

Para Itania Gomes (2011), “o jornalismo tornou-se uma indústria comercialmente bem sucedida e uma profissão socialmente legitimada”. Segundo a pesquisadora, o processo de consolidação do modelo hegemônico do jornalismo acompanhou o próprio processo de constituição de uma cultura popular massiva. Assim como objetividade, muitos outros valores e normas surgem como pilares do jornalismo e permanecem até hoje. Quarto poder, imparcialidade, verdade, factualidade, entre outros, são alguns exemplos de conceitos que ainda hoje definem o jornalismo como uma instituição social.

3. O JORNALISMO SINDICAL

Até o surgimento da primeira TV ligada a um sindicato no Brasil, a imprensa operária /sindical passou por um intenso processo de configuração que começou ainda no final do século XIX. No livro “Imprensa Operária no Brasil” (1988), de Maria Nazareth Ferreira, que traz um panorama sobre a história da imprensa ligada ao operariado no país, a imprensa operária é definida como algo maior do que a imprensa partidária – mesmo que fosse de partidos operários – e do que a imprensa sindical, ligada aos sindicatos. Para Ferreira:

O que resulta de significativo na existência da imprensa operária é o fato de que ela sempre estará ligada a alguma forma de organização de classe trabalhadora - seja partido, sindicato ou qualquer outra espécie de agremiação -, circulando de maneira diferente da imprensa burguesa, ou grande imprensa. O veículo de comunicação da classe trabalhadora - quer seja representante de sindicato ou de partido - não tem proprietário, e sua mensagem não é uma mercadoria a ser consumida; seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas etc. produzido pela coletividade e para ela mesma (FERREIRA, 1988, p. 6).

Segundo a autora, o mais antigo jornal fundado no Brasil e que pode ser considerado como fruto da imprensa operária data de 1847, e foi fundado no Recife, capital de Pernambuco. "O Proletário" foi criado por um grupo de intelectuais da cidade. O Jornal dos Tipógrafos, fundado em 1858, no Rio de Janeiro, pela Associação dos Tipógrafos do Rio de Janeiro, foi o primeiro pertencente a uma categoria profissional, embora não tivesse um caráter político, afirma a autora.

A partir da década de 70, a imprensa sindical passa a ser predominante. Essa imprensa sindical possui diferenças da imprensa operária anarcossindicalista (chamada assim devido à forte influência do anarquismo na condução do movimento operário brasileiro na época de surgimento desta), que compõe a primeira fase da imprensa operária no Brasil, segundo Ferreira (1988), e vai do final do século XIX até os anos 1930; e da segunda fase, caracterizada por uma imprensa partidária, devido a formação do Partido Comunista do Brasil e a politização dos sindicatos, que vai do período de 1930 até o golpe militar de 64. Segundo Ferreira:

A imprensa sindical, que nasce e se fortalece no meio operário brasileiro, é relativamente recente; ela nasce a partir de meados da década de 70, quando se inicia o processo de enfrentamento do sistema pelas vias legais, fortalecendo-se nos primeiros anos da década de 80 (FERREIRA, 1988, p. 54).

A caracterização desta imprensa sindical, surgida na década de 70, se dá com a contratação de jornalistas profissionais para atuar na produção do material dos sindicatos e a produção de material é feita por gráficas próprias, ou gráficas contratadas para produzi-lo. O período relatado pela autora como o de surgimento dessa nova imprensa sindical é o mesmo em que começam a se intensificar os movimentos pela redemocratização do país e que marca o surgimento do chamado Novo Sindicalismo.

O movimento grevista na região do ABC Paulista, entre 1978 e 1980, é considerado por muitos historiadores como o ponto de partida do declínio e enfraquecimento do governo militar e do surgimento deste Novo Sindicalismo. As greves na região aconteceram principalmente em indústrias metalúrgicas e automobilísticas. As reivindicações eram muitas devido às precárias condições de trabalho da época. Como afirma Pogibin:

Muitos trabalhadores do ramo metalúrgico interromperam suas rotinas de produção em nome de melhores condições de vida e trabalho. Apontavam a insegurança, o grande número de acidentes no trabalho, a falta de higiene, o grande número de horas extras que eram forçados a fazer e o despotismo patronal, como justificativas para interromperem suas atividades. Reivindicavam também um reajuste salarial, denunciando o arrocho e a exploração do trabalhador (POGIBIN, 2009, p.13).

A região do ABC tinha sido a principal beneficiada pelo capital estrangeiro atraído pelo governo militar no período do chamado “milagre econômico”, que se inicia em 1968. Naquele momento, o investimento em bens duráveis se concentrou na indústria automobilística e nessa região, que compõe a Região Metropolitana de São Paulo. Apesar de terem os maiores salários no contexto industrial brasileiro na época, os metalúrgicos sofriam com a intensificação do ritmo de trabalho, a alta rotatividade das vagas de trabalho (estratégia usada para afastar os funcionários indesejados pelas fábricas) e a insegurança (POGIBIN, 2009, p. 14).

A partir de 1978, uma onda grevista atinge a maior parte das fábricas do ABC paulista. Em 1979, uma greve geral toma conta da região e o presidente do sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (hoje Sindicato dos Metalúrgicos do ABC) à época, sendo o atual ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, um dos líderes das manifestações por melhores condições de trabalho. O movimento é considerado por muitos como um dos responsáveis pelo enfraquecimento do regime militar que vigorava no país. Para Pogibin:

As greves dos metalúrgicos da região do ABC Paulista são eventos marcantes na história do Brasil. Elas estão inseridas em um contexto de reabertura política, na transição do regime militar ditatorial para um regime democrático. Para os movimentos trabalhistas, as greves têm ligação direta com a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). As formas de atuação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema são modelo para a instituição do chamado Novo Sindicalismo, na década de 80 (POGIBIN, 2009, p.23).

Em seu site, o sindicato relata o momento como um dos mais importantes da sua história:

A reação dos metalúrgicos do ABC contra a Ditadura Militar - os militares governaram o País de 1964 até 1985 - é outro momento histórico da categoria. Particularmente a partir de 1978, sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, o Sindicato desempenhou um importante papel na luta pela recuperação da democracia no Brasil. Em 12 de maio de 1978, em plena vigência do Ato Institucional Número 5 (AI-5), considerado o mais duro do governo militar, que, entre outras coisas acabou com as garantias do habeas-corpus e aumentou a repressão militar e policial; os metalúrgicos de várias fábricas do ABC entraram em greve, sendo que a maior paralisação ocorreu na Scania (planta de São Bernardo do Campo da montadora sueca), dando início a um novo ciclo histórico das lutas sindicais no país, que se irradiou para outras categorias e outros Estados brasileiros em pouco tempo. Essas mobilizações são apontadas como elemento fundamental no processo de construção do Partido dos Trabalhadores, a partir de 1979, e da (CUT) Central Única dos Trabalhadores, fundada em agosto de 1983. O primeiro presidente nacional da CUT foi Jair Meneguelli, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, ex-deputado federal e atualmente presidente do SESI - Serviço Social da Indústria⁶.

⁶ Disponível em http://www.smabc.org.br/smabc/materia.asp?id_CON=2&id_SUB=53

3.1 A COMUNICAÇÃO NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC

Um dos principais instrumentos de comunicação usados pelo sindicato, a Tribuna Metalúrgica, foi editada pela primeira vez em 1964, quando o seu único número foi impresso pela primeira vez sob o título de “O Metalúrgico”. Essa foi a única edição até o ano de 1971, quando o sindicato lançou o jornal novamente, desta vez com circulação mensal. Em 1979, o jornal passou a ter um Suplemento Informativo, que circulava diariamente e que, segundo a entidade, "desempenhou papel de destaque na organização da categoria"⁷. No ano de 1986, o jornal passou a ser diário. A mudança aconteceu devido à necessidade de uma comunicação mais dinâmica, segundo o próprio sindicato em sua página na internet:

Essa dinâmica que a organização dos trabalhadores necessitava para sustentar seus movimentos foi a ponta de lança para que a entidade montasse uma estrutura razoável de comunicação durante a década de 80, inclusive com a profissionalização de todo o departamento de comunicação⁸

O sindicato atribui a essas mudanças o surgimento de outras iniciativas, como a Gráfica Fundo de Greve, a produtora de vídeo TVT e a produtora de programas de rádio, a Rádio dos Trabalhadores. Conseqüentemente, esse histórico contribuiu também para que o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (formado com a união do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema com o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, em 1992) conseguisse a outorga da primeira emissora de TV com sinal aberto ligada a uma entidade sindical – a TV dos Trabalhadores. Além disso, a entidade montou uma rede de comunicação – Rádio Brasil Atual, Rede Brasil Atual (site), Revista do Brasil – com o objetivo de estar presente em diferentes plataformas de comunicação⁹.

⁷ Disponível em http://www.smabc.org.br/smabc/materia.asp?id_CON=10859&id_SUB=66

⁸ Disponível em http://www.smabc.org.br/smabc/materia.asp?id_CON=10859&id_SUB=66

⁹ Todo o conteúdo produzido pelos veículos de comunicação da Rede Brasil Atual pode ser visto no site <http://www.redebrasilatual.com.br/>. Atualmente, a Revista do Brasil tem tiragem média de 360 mil exemplares. Presente também nas redes sociais, o site Rede Brasil Atual possui 11 mil fãs no Facebook e sua conta no Twitter conta com 18 mil seguidores.

4. A TV DOS TRABALHADORES

Com transmissões iniciadas em agosto de 2010, a TV dos Trabalhadores foi outorgada em outubro de 2009 à Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, entidade sem fins lucrativos ligada ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. A concessão do canal 46 UHF, que transmite o sinal da TVT, foi aprovada pelo Congresso Nacional em abril de 2005. A emissora - uma concessão de canal educativo -, só foi possível por causa do caráter da fundação, já que emissoras educativas no Brasil só podem ser concedidas a entidades que não visam o lucro¹⁰. De acordo com dados do Ministério das Comunicações, de outubro de 2009, o Brasil tinha 79 emissoras de televisão educativa em operação. São Paulo e Minas Gerais são os estados com o maior número de concessões nessa área, com 17 e 12 canais, respectivamente.

A Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho foi criada em 1991, com o objetivo de "produzir e divulgar programas de conteúdos educativo, cultural, informativo e recreativo em todo o território nacional", segundo informações do site da TVT¹¹. A entidade é dirigida por 40 membros eleitos a cada três anos, em assembléias, que representam outras categorias sindicais além dos Metalúrgicos, como os Bancários de São Paulo e do ABC e Jornalistas de São Paulo.

Em seu portal na internet, a emissora diz que sua outorga é “resultado de 23 anos de luta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC”. Fundado em 1933, este sindicato foi e continua sendo até hoje uma das principais entidades sindicais do país. Sérgio Nobre, presidente do sindicato, no anúncio de estreia da emissora procurou reafirmar o

¹⁰ “A radiodifusão educativa destina-se à transmissão de programas educativo-culturais, que, além de atuar em conjunto com os sistemas de ensino, visa à educação básica e superior, à educação permanente e à formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional. Nessa linha, visando à consecução do interesse público, a outorga para a execução de serviços de radiodifusão com fins exclusivamente educativos só pode ser pleiteada por entidades que não tenham finalidade lucrativa, sendo reservada à execução da União, Estados e Municípios, universidades e fundações constituídas no Brasil, conforme preceitua o art. 14 do Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, que complementou e modificou a Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, que instituiu o Código Brasileiro de Telecomunicações.” Em <http://www.mc.gov.br/radio-e-tv-educativa/plano-nacional-de-outorgas/23998-plano-nacional-de-outorgas-tve-2011>

¹¹ Disponível em www.tvt.org.br

destaque da entidade no cenário nacional. "Todos reconhecem a importância histórica que essa Casa [o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC] teve na luta pela consolidação da democracia no Brasil. A TVT é resultado dessa democracia e um direito dos trabalhadores", disse o sindicalista.

A região do ABC Paulista e o sindicato dos metalúrgicos da região são berços políticos do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, assim como da Central Única dos Trabalhadores (CUT), maior central sindical da América Latina e uma das maiores do mundo em número entidades e de trabalhadores filiados. A região também foi cenário para boa parte das lutas pela democratização do país no período da Ditadura Militar brasileira, que durou de 1964 a 1985.

"Queremos ser um canal de amplificação da voz dos movimentos sociais", afirmou Valter Sanches, o diretor de Comunicação do Sindicato e presidente da Fundação, na época da inauguração do canal. O presidente do sindicato credita ao ex-presidente Lula a outorga da emissora. "O fato de Lula, um operário metalúrgico, ser o presidente da República foi determinante para que o Sindicato/Fundação conseguisse a concessão da TVT e as demais outorgas", disse Sérgio Nobre à época. Essa frase é sintomática do contexto que levou à outorga do sinal para uma fundação ligada a um sindicato. Lula foi presidente do sindicato e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Além disso, a região também ganhou uma universidade federal, a Universidade Federal do ABC Paulista (UFABC), em 2005. A região, uma das mais industrializadas do país, é formada pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. No total, são mais 2,6 milhões de pessoas vivendo numa área de 827 km².

Atualmente, a emissora conta com nove programas na sua grade: Circuito de Vídeo Popular (em média, tem 1h30 minutos de duração), Bom Para Todos ("Programa de prestação de serviços totalmente voltado ao trabalhador e ao cidadão brasileiro"; em média, tem 30 minutos de duração)¹²; Clique e Ligue ("Programa que aborda as novas tecnologias e a inclusão digital da população brasileira"; em média, tem 45 minutos de duração); ABCD em revista ("Revista eletrônica que dá voz ao movimento social organizado da região do ABCD"; em média, tem 30 minutos de duração); Melhor e mais Justo ("Os temas dos debates estão vivos na realidade sócio econômica do Brasil e

¹² Descrição completa de todos os programas disponível em www.tvt.org.br/programacao

as ideias indicam soluções para as principais questões do nosso país”; em média, tem 50 minutos de duração); Memória e Contexto (“O Memória e Contexto tem um objetivo claro: ativar o pensamento e a ação crítica por meio de conteúdos apresentados com o apoio do acervo da TVT e através dos testemunhos de quem viu ou viveu os fatos”; em média, tem 50 minutos de duração); Pra você ver (“Pra Você Ver mostra como a sociedade se mobiliza para resolver os problemas dos cidadãos quando o Estado falha”; em média, 25 minutos de duração) e o Seu Jornal, o telejornal exibido de segunda a sexta-feira, às 19h, pela emissora.

5. METODOLOGIA DE ANÁLISE DO TELEJORNALISMO

A metodologia de análise utilizada neste trabalho foi desenvolvida ao longo de 10 anos de trabalho do Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, coordenado pela professora Itania Gomes, e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PósCom) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tomando como ponto de partida a premissa de que o telejornalismo é uma construção cultural, Itania Gomes (2007) mostra que essa abordagem nos obriga a considerar aspectos sociais, históricos, ideológicos e culturais para fazermos a análise do programa e, além disso, nos permite articular o que a autora considera os três elementos fundamentais para a análise do telejornalismo, que são o jornalismo, a televisão e a recepção televisiva. Para ela:

Afirmar o telejornalismo como uma construção, no entanto, e justamente por esta razão, não nos impede de reconhecer que ele se configura como uma instituição social *de certo tipo* nas sociedades ocidentais contemporâneas. No Brasil, em que o jornalismo supostamente reproduziria o modelo de jornalismo independente estadunidense, pensar o jornalismo como instituição social requer colocar em causa a relação entre jornalismo e a noção habermasiana de esfera pública, com suas implicações sobre a noção de debate público e a vigilância pública; a perspectiva liberal sobre o papel democrático da mídia; a noção de quarto poder, em que está implícita a autonomia da imprensa em relação ao governo, o direito à liberdade de expressão e o compromisso com o interesse público; o caráter público ou privado da empresa jornalística (GOMES, I. 2007, p. 5).

Investigar o telejornalismo, segundo Gomes (2007) requer um exercício de compreensão que envolve a notícia e a televisão. “No caso do telejornalismo, acreditamos que, para entendê-lo, é preciso compreender a notícia como uma forma cultural específica de lidar com a informação e o programa jornalístico televisivo como uma forma específica de lidar com a notícia na TV” (GOMES, 2007, p. 10). O jornalismo e a televisão – assim com o telejornalismo – se desenvolvem de forma específica em cada sociedade e cultura, tornando-se, então, produto daquele contexto. Entre os autores que nos ajudam a pensar a partir dessa metodologia, a notícia - peça-chave para o jornalismo - já que, comercialmente falando, configura-se como seu produto principal, é considerada como um discurso.

A notícia é discurso e, como tal, um conjunto de convenções que ajudou a configurar o jornalismo como uma instituição socialmente reconhecida e no interior do qual fazem sentido as noções de imparcialidade e objetividade e das distinções entre fato e ficção, informação e entretenimento. Naturalmente, a notícia televisiva é um discurso que é estruturado pelos discursos mais amplos da televisão (GOMES, 2007, 10).

Itania Gomes (2007) chama a atenção para a importância de analisarmos as configurações da notícia como um gênero discursivo em “relação às características que ela ganha quando elaborada para transmissão na televisão” (GOMES, 2007, p. 10). A metodologia vai trabalhar também com os conceitos de Modo de Endereçamento, Estrutura de Sentimento e Gênero Televisivo, como veremos a seguir.

5.1 MODO DE ENDEREÇAMENTO

Para análise de produtos telejornalísticos, o Grupo de Pesquisa Análise de Telejornalismo (GPAT), criado e coordenado até hoje pela professora Itania Gomes, desenvolveu e testou quatro operadores para podermos perceber o modo de endereçamento de determinada produção, ou seja, a forma como cada programa cria um estilo próprio, que o diferencie dos outros e o identifique. Surgido na análise de filmes, o conceito de modo de endereçamento é utilizado para análise de telejornalismo associado ao conceito de gênero televisivo, o que nos possibilitará entender quais são os formatos e quais são as práticas de recepção solicitadas e construídas historicamente utilizadas pelos programas (GOMES, 2007). Segundo Morley e Brundson (1978 apud GOMES, 2007, p. 20), “modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência”. Além disso:

Na nossa abordagem, o conceito de modo de endereçamento, quando aplicado aos estudos de jornalismo, nos leva a tomar como pressuposto que quem quer que produza uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor (GOMES, 2007, p.22).

Para essa análise foram testados os quatro operadores, que nos dão pistas para vermos o modo de cada programa de construir seu estilo, ou seja, seu modo de endereçamento ao público. São eles: o *mediador*, o *contexto comunicativo*, o *pacto sobre o papel do*

jornalismo e a *organização temática*. Segundo Gomes (2007), os operadores se articulam e não devem ser observados e interpretados de forma isolada. O mediador é a figura central de um programa telejornalístico. Todos os programas contam com a figura do mediador, através do apresentador, repórter, comentaristas, correspondentes e âncoras, por exemplo. Segundo a metodologia, o *mediador* é aquele que representa a “cara” do programa. Como exemplos de mediadores que dariam essa “cara” ao programa, podemos citar mediadores cuja imagem já se confunde com a do programa, por causa do tempo em que estão à frente das produções - entre outras razões -, como William Bonner, do Jornal Nacional (TV Globo), e Sérgio Chapelin, do Globo Repórter (TV Globo); ou mais novos, mas que ainda assim dão cara ao programa, como Marcelo Tas, do Custe o que Custar (TV Bandeirantes). Diz Itania:

Para compreender o modo de endereçamento, é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador. Mas o modo de endereçamento diz respeito também aos vínculos que cada um dos mediadores (âncoras, comentaristas, correspondentes, repórteres) estabelece com o telespectador no interior do programa e ao longo da sua história dentro do campo, à familiaridade que constrói através da veiculação diária/semanal do programa, à credibilidade que constrói no interior do campo midiático e eu “carrega” para o programa, ao modo como os programas constroem a credibilidade dos seus profissionais e legitimam os papéis por eles desempenhados (GOMES, 2007, p. 24).

O *mediador*, por seu papel central, é uma das figuras centrais dos modos de endereçamento dos programas. Isso se torna bastante claro, por exemplo, em programas como Brasil Urgente (GOMES, 2007).

Outro operador de análise, o *contexto comunicativo*, diz respeito ao tempo e espaço onde o programa televisivo atua. O contexto abarca o emissor, o receptor e as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo se dá. Esse operador é muito importante porque “a comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental partilhado” (GOMES, 2007, p.25).

Um telejornal sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente (‘você, amigo da Rede Globo’, ‘para o amigo que está chegando em casa agora’, ‘esta é a principal notícia do dia’, ‘Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você’, ‘você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia

está') – ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador (GOMES, 2007, p. 26)

Outro operador de análise da metodologia, o *pacto sobre o papel do jornalismo* diz respeito ao que é acordado tacitamente entre telespectador e programa como sendo papel do jornalismo na sociedade em questão. O pacto é responsável por apresentar ao telespectador o que ele deve esperar daquele programa específico. É preciso ver como o produto audiovisual a ser analisado lida com noções como objetividade, imparcialidade, interesse público, que são, por exemplo, comuns no jornalismo brasileiro. Outro ponto a ser observado dentro deste operador é a capacidade técnica da emissora. Segundo Gomes:

Os recursos técnicos a serviço da emissora lidam com as tecnologias de imagem e som colocadas a serviço do jornalismo, o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa e também da emissora. A exibição das redações como pano de fundo para a bancada dos apresentadores na maior parte dos telejornais atuais é apenas uma dessas estratégias de construção de credibilidade e, ao mesmo tempo, de aproximação do telespectador, que se torna, assim, cúmplice dos trabalho de produção jornalística (GOMES, 2007, p.26).

Entre os aspectos para observarmos o programa a partir deste mediado, por exemplo, está a existência de link ao vivo. Para Gomes (2007), a transmissão ao vivo ainda é o melhor exemplo sobre como os programas buscam o reconhecimento de sua autenticidade por parte dos telespectadores. Os formatos de apresentação da notícia (nota, reportagem, entrevista, etc.) dão importantes dicas sobre o jornalismo praticado pelos programas e ainda permite ver o investimento do mesmo na produção de seu produto principal, a notícia.

Por fim, o último dos quatro operadores: a *organização temática*. Apesar de parecer o operador mais importante em programas de telejornalismo temáticos - cabendo ao pesquisador observar como este se articula com os outros operadores - , para os telejornais esse olhar demanda um pouco mais de atenção, uma vez que frequentemente a organização temática do telejornal só pode ser compreendida após a observação do modo singular como cada telejornal organiza e apresenta as diversas editorias.

6. SEU JORNAL: O TELEJORNAL DOS TRABALHADORES

Criado em 2010 juntamente com a TV dos Trabalhadores, o Seu Jornal é carro chefe da programação jornalística da emissora. Assim como acontece em diversas outras emissoras de diversas partes do mundo, o jornalismo é utilizado pelas emissoras de TV como uma estratégia de credibilidade da sua programação. A TV, cuja outorga pertence ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, está sediada numa das regiões mais ricas do país, com os mais altos índices de industrialização da federação, e que foi um dos pilares de sustentação que levaram o Estado de São Paulo ao posto de mais rico do Brasil. Em seu site, a emissora diz que sua outorga é “resultado de 23 anos de luta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC”. A outorga de emissora educativa foi dada em 2009 à Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, que é definida como uma “*entidade cultural sem fins lucrativos criada e mantida pelo Sindicato*”. Para o diretor de Comunicação do Sindicato e presidente da Fundação, Valter Sanches, o objetivo da emissora é ser “um canal de amplificação da voz dos movimentos sociais”¹³.

6.1 “O TELEJORNAL DOS QUE BUSCAM UM MUNDO MAIS JUSTO”

“*Um telejornal para todos aqueles que buscam um mundo melhor e mais justo*” ou “*Aqui você tem as notícias que são importantes para a transformação social do nosso Brasil*”. Essas são algumas das definições que o apresentador Carlos Ribeiro usa para apresentar o telejornal aos seus telespectadores. A estratégia textual de convocação e legitimação acontece logo na abertura do programa, o que ajuda a localizar o telespectador sobre que tipo de telejornal ele irá assistir. Esse recurso de identificação do telejornal diz muito, a partir do nosso ponto de vista, sobre o que o telejornal quer fazer e ao mesmo tempo é uma forma de direcionamento ao público, ou seja, de mostrar qual a relação comunicativa que o programa quer construir.

Essas questões são fundamentais para entender o modo de endereçamento do telejornal, já que dizem respeito a um dos operadores de análise da Metodologia de Análise de Telejornalismo: o Contexto Comunicativo. De acordo com Gomes:

¹³ Disponível em <http://www.tvt.org.br/quem-somos>

Um telejornal sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente ('você, amigo da Rede Globo', 'para o amigo que está chegando em casa agora', 'esta é a principal notícia do dia', 'Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você', 'você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia está) - ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador. (GOMES, I., 2007, p. 25 e 26).

As notícias “*importantes para a transformação social no nosso Brasil*” também podem ser uma referência às mudanças sociais e econômicas pelas quais o país vem passando nos últimos anos. As “transformações sociais” têm sido atribuídas às gestões do ex-presidente Lula e da atual presidente, Dilma Rousseff, pelo Partido dos Trabalhadores¹⁴. O telejornal faz uso do mesmo discurso para apresentar suas notícias. O seu telespectador é alguém que vai saber o que é importante para o atual momento em que o Brasil está vivendo. Desde 2000, os mais diversos estudos dos principais institutos de pesquisa brasileiros, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram reduções no número de pessoas pobres e redução da desigualdade social. As políticas sociais implantadas a partir de 2003 foram responsáveis por uma valorização real do salário mínimo – aumento real de 55% entre 2003 e 2010¹⁵. Apesar dos recentes avanços, o país ainda sofre com a desigualdade social. Em 1990, o Brasil era o país mais desigual da América Latina, no entanto, segundo o estudo mais recente da Organização das Nações Unidas (ONU), o país deixou o primeiro lugar e foi superado por Guatemala, Honduras e Colômbia¹⁶. A mais nova iniciativa para a diminuição da pobreza no país é o Plano Brasil Sem Miséria, lançado pela presidenta Dilma em 2011. O programa do governo federal pretende erradicar a extrema miséria, que segundo o Ipea atinge cerca de 16 milhões de brasileiros.

Em todas as edições estudadas, a rigidez verbal da apresentação é quebrada por um diálogo pouco formal mantido pelo apresentador com o telespectador. “*Olá*” e “*Seja bem vindo ao Seu Jornal*” fazem parte do repertório de Ribeiro para iniciar a

¹⁴ Disponível em:

http://www.informes.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2636:dirigentes-do-pt-mostram-transformacao-social-do-pais-no-governo-lula-&catid=42:rokstories&Itemid=108

¹⁵ Em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-07-19/valorizacao-do-minimo-e-aco-es-afirmativas-fizeram-pobreza-cair-365-no-brasil-diz-oit>

¹⁶ Em <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1172975>

apresentação do telejornal, que tem em média 29 minutos de duração. O tom pouco informal que o programa tenta mostrar pode ser observado também a partir do vestuário usado pelo apresentador do programa, que nunca usa terno.

Os exemplos acima não são os únicos que podem ser observados através deste operador de análise dentro do telejornal. Usualmente, logo após o intervalo (que acontece apenas uma vez, geralmente entre os minutos 15 e 17 do programa), o apresentador volta a falar com a audiência e desta vez até a convoca para participar do programa. “*Contamos com a sua participação, que é muito importante pra a gente. Mande pra a gente fotos e imagens pela internet. É uma forma de fazer jornalismo colaborativo com a sua participação*”, diz Ribeiro enquanto o endereço do site da emissora aparece na tela. O programa utiliza vídeos de telespectadores em algumas das edições, geralmente relatando problemas. Em uma das edições de janeiro analisadas pelo programa¹⁷, um “colaborador” (como o programa identifica quem envia os vídeos), o Zé Correia, envia imagens de uma praça no bairro do Grajaú em mau estado de conservação. As imagens, que não possuem uma boa qualidade, são acompanhadas por comentários do colaborador, que fala do “desprezo” do poder público pelo local. Ao fim da exibição das imagens, o apresentador fala sobre quem participa do quadro de modo a legitimar a produção e veiculação de material pela audiência. “*Nossos colaboradores estão a serviço da sociedade, estão com as câmeras ligadas e o espaço está aberto aqui no Seu Jornal, pra você*”, diz Ribeiro. A colaboração dos telespectadores é definida pelo próprio programa como extremamente importante e os vídeos enviados são usados nas edições do programa. Na edição do dia 23 de janeiro, o apresentador diz: “*Essa é a nossa principal missão. Dar espaço a você de comunicação ou dos movimentos sociais e trabalhadores organizados*”. Ao dizer que as câmeras dos colaboradores estão ligadas, o programa pactua com a noção de vigilância. Além de reforçar discursivamente esse “estamos de olho”, o programa reafirma que o espaço para este tipo de participação está aberto. No portal da emissora, é possível ver com destaque um quadro onde o visitante é convidado a enviar sua foto ou seu vídeo para participar do programa. A participação via internet é algo constante e vai aparecer novamente, em melhor qualidade, no telejornal, com os comentários do comentarista internacional Flávio Aguiar, que fala sobre o panorama internacional, direto de Berlim, na Alemanha.

¹⁷ Edição do dia 23 de janeiro de 2012.

Na edição do dia 24 de janeiro, o programa dá um espaço considerável para um material enviado por colaborador. Depois do intervalo, o apresentador diz:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Estamos de volta com o Seu Jornal, que conta com a sua participação. É muito fácil: www.tvt.org.br . Faça como o colaborador Hugo Marques, que enviou um vídeo com a cobertura do Festival Moinho Vivo”.
--	---

O festival aconteceu depois de um incêndio que destruiu a comunidade do Moinho, na cidade de São Paulo. O festival de Hip Hop, que reuniu nomes como Mano Brown, foi organizado para arrecadar roupas, mantimentos e brinquedos para os moradores desalojados. A nota coberta dura pouco mais de 2 minutos - tempo considerado grande para esse tipo de formato dentro de telejornais. Ao final, o apresentador faz uma reflexão sobre o assunto, mas ao mesmo tentar manter uma postura impessoal:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“O amor derruba qualquer barreira e a gente vai continuar falando sobre solidariedade”.
--	---

Ao levar a opinião para a terceira pessoa, o apresentador do jornal compartilha a opinião com o programa, o “Seu Jornal”, e, conseqüentemente, com todos os outros mediadores: repórteres, comentaristas e editores. Em outro exemplo, no entanto, este recurso acaba mostrando a falta de estrutura e de capacidade técnica da própria emissora, que conta com algumas limitações. O protesto dos moradores¹⁸ de Diadema, contra o aumento da passagem de ônibus, ganha cena no noticiário através do vídeo enviado por um colaborador. Os moradores foram até a Assembleia Legislativa do Estado para protestar contra o reajuste. O texto cita o apoio do presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) da cidade à manifestação. Isso mostra que mesmo dentro do que o programa chama de “movimentos sociais” e “trabalhadores” na sua cobertura, há um enquadramento. Não é todo e qualquer movimento social, mas aquele ligado ao PT e à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Além disso, apesar de localizada na região coberta pela emissora, nenhuma equipe foi ao local cobrir a manifestação.

¹⁸ Edição do dia 17 de dezembro de 2011.

6.2 A CUT E OS MOVIMENTOS SOCIAIS PAUTAM O SEU JORNAL

A CUT é figura recorrente na pauta do telejornal. Na edição do dia 12 de dezembro de 2011, uma nota simples foi ao ar falando sobre o 1º Prêmio CUT – Democracia e Liberdade¹⁹, que aconteceria no dia seguinte. No fim o apresentador diz: “*Amanhã, aqui no Seu Jornal, você confere uma reportagem sobre essa grande festa da democracia*”. Ainda na mesma edição, um vídeo enviado por uma colaboradora mostra a Reunião do Comitê Central da Federação Internacional de Metalúrgicos, que acontecia em Jacarta, na Indonésia. No vídeo são mostradas imagens de membros do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, todos filiados à CUT. Na edição seguinte, no dia 13 de dezembro, a reportagem do repórter Uélson Kalinovski mostra o prêmio. A única sonora da matéria é com Artur Henrique, presidente da central na época. Em outra edição, no dia 16 de dezembro, o presidente da CUT aparece novamente no Seu Jornal. Artur Henrique ganha espaço para falar sobre as atividades realizadas pela central durante o ano. Na chamada, o apresentador diz que “*2011 foi mais um ano de conquistas sociais e financeiras para os trabalhadores*”. O presidente da CUT, então, fala e em seguida uma matéria sobre mobilizações ao longo do ano é exibida.

O programa constrói uma relação comunicativa afinada à Central Única dos Trabalhadores, ao Partido dos Trabalhadores e ao governo federal. Além da presença de fontes ligadas à central ou a sindicatos afiliados à CUT, o programa tem em seu quadro um comentarista que foi membro do governo Dilma. Paulo Vannuchi é comentarista de política nacional do Seu Jornal e foi ministro do governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Jornalista formado pela Universidade de São Paulo (USP), Vannuchi ficou de 2005 a 2010 à frente da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. O ex-ministro e atual comentarista do telejornal foi preso durante a ditadura e também foi um dos responsáveis pela formulação da Comissão da Verdade, que pretende investigar crimes durante o período em que os militares estiveram no poder.

¹⁹ O prêmio é entregue a personalidade que se destacaram na luta pelos Direitos Humanos no Brasil. A primeira edição do prêmio aconteceu em 2011. A premiação possui as seguintes categorias: Personalidade de destaque na luta pela Redemocratização do Brasil; Personalidade de destaque na luta por Democracia, Cidadania e Direitos Humanos; Personalidade de destaque na luta por Democracia e Direitos dos Trabalhadores; Personalidade de destaque na luta por Democracia e Justiça no Campo; Instituição de destaque na luta por Democracia e Liberdade. Entre as personalidades que já foram premiadas estão o ex-presidente Lula, o escrito e religioso Frei Betto e a militante pelos direitos das mulheres Maria da Penha.

Vannuchi é requisitado pelo telejornal em diversas ocasiões, sempre comentando assuntos que foram pauta no programa. Em uma das situações, na edição do dia 14 de dezembro, o comentarista é convocado para falar sobre o lançamento do livro “A Privatária Tucana”, que relata casos de corrupção durante o tempo em que José Serra era ministro do Planejamento do governo Fernando Henrique Cardoso. O apresentador Carlos Ribeiro diz que gostaria que o comentarista “falasse e analisasse” a repercussão do livro. Antes do comentário de Vannuchi, uma matéria sobre a chegada dos livros às livrarias é exibida. Além de ouvir o autor do livro, o jornalista Amaury Ribeiro Júnior, a matéria traz sonoras com o deputado estadual Pedro Simão, do PT, e com três membros da direção da CUT: o presidente Artur Henrique, o secretário geral, Quintino Severo, e o diretor Rogério Janine. Na volta ao estúdio, é a vez do apresentador questionar o comentarista:

<p>APRESENTADOR: Carlos Ribeiro</p>	<p>“É curioso notar como a grande imprensa tem dois pesos e duas medidas. Em menos de um ano, sete ministros da presidenta Dilma Rousseff caíram por denúncias de corrupção e tráfico de influência. Em todos os casos, a grande mídia não deixou um dia de dar manchetes. A oposição não se calou e fez duras críticas. Mas, e agora? Ninguém vê nada? O silêncio assusta mais do que os documentos nas acusações apuradas pelo autor do livro. Paulo está aqui conosco. Paulo, o que você acha que está por trás de todo esse silêncio?”.</p>
--	---

O comentarista responde:

<p>COMENTARISTA: Paulo Vannuchi</p>	<p>“Hoje à tarde houve um comentário de que o PSDB estaria reunido em Brasília pra decidir a abertura de processos contra o jornalista Amaury Ribeiro. Não sabemos o que acontecerá, mas de qualquer maneira será muito ruim também para esta imprensa se a partir de amanhã, quando o PSDB decidir que vai abrir o processo, aí ela romper o silêncio e começar a noticiar, confirmando mais uma vez que ela tem faltado ao seu papel de informar, de cobrar, e está se transformando em órgão de afiliação política e partidária”.</p>
--	--

É importante observar o que o comentarista diz no quadro anterior. Ao dizer “esta imprensa” para se referir aos jornais e TVs da “grande imprensa”, Paulo Vannuchi deixa claro que não se trata da mesma imprensa onde ele e, conseqüentemente, o *Seu Jornal* estão. Esse não é o único momento em que o telejornal questiona a credibilidade de outros veículos de comunicação. O apresentador faz novo questionamento ao ex-ministro:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Paulo, o deputado federal delegado Protogenes, do PC do B, está colhendo assinaturas para abrir uma CPI. Ele recebeu do presidente da Câmara, Marco Maia, a garantia de que se conseguisse reunir 171 assinaturas seria instalada uma CPI. Você acha que isso vai acontecer?”.
--	---

E o comentarista finaliza sua participação:

COMENTARISTA: Paulo Vannuchi	“Não é fácil essa CPI, pelo período do calendário do ano. Nós estamos nos últimos dias de votação, sempre há recursos protelatórios, haverá turma do deixa disso. De qualquer maneira o livro tem papel muito importante, que é algo que no direito existe e que no jornalismo bom deve existir, que é ouvir os dois lados. O chamado contraditório. Combate à corrupção não pode ter alinhamento partidário. Imprensa tem que cobrar e denunciar, mas também denunciar e cobrar quando envolve Serra, quando envolve governadores e lideranças políticas apoiadas por esses jornais. Sem isso ela não será uma imprensa democrática”.
--	--

Ao final da participação, Carlos Ribeiro agradece a Paulo Vannuchi:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Muito obrigado Paulo pela sua presença esclarecedora a todos nós aqui. Uma boa noite pra você”.
--	--

Não é à toa que um ex-ministro dos Direitos Humanos é o comentarista de política do programa. Entendemos que o termo Direitos Humanos remete a diversas estratégias comunicativas que são caras ao programa. Ao dizer que o programa é “para todos aqueles que buscam um mundo mais justo”²⁰, o programa estabelece uma relação comunicativa com os telespectadores, que ao mesmo tempo gera uma expectativa. Justiça, paz e dignidade são pilares da Declaração Universal dos Direitos Humanos²¹, que foi assinada pelos membros das Organizações das Nações Unidas (ONU), entre eles o Brasil. Ao agradecer a presença do ex-ministro como “esclarecedora”, o telejornal o coloca no posto de mediador que tem, a partir de sua trajetória, a competência para falar sobre esse tema. O programa ainda reconhece verbalmente essa competência. Na edição do dia 25 de janeiro de 2012, após a exibição de uma reportagem sobre a invasão da comunidade do Pinheirinho, em São José dos Campos, o comentarista é convocado para falar sobre o assunto e é introduzido pelo apresentador da seguinte forma:

<p>APRESENTADOR: Carlos Ribeiro</p>	<p>“Paulo, você como defensor dos direitos humanos - a gente tem clareza disso já há muito tempo na sua vida de militância política, inclusive - , quando você vê essas imagens como a do rapaz que tomou um tiro nas costas e pode ficar paraplégico; quando você vê as bombas sendo soltas pra cima de crianças; gente sendo agredida como aconteceu, por exemplo, nesse caso, aí no Pinheirinho, o rapaz não tava fazendo absolutamente nada [imagens de homem sozinho apanhando de policiais] e tomou pelo menos umas três cacetadas ali da polícia; essas cenas, por exemplo, na USP, como é que você lida com isso. O que é que você poderia dizer sobre tudo isso?”.</p>
--	---

<p>COMENTARISTA: Paulo Vannuchi</p>	<p>“Me ocorre a presença ainda, o legado, uma herança maldita da ditadura. Quer dizer, esse procedimento policial, que nós vemos nas imagens, não é de uma polícia nova, que está nascendo, afinada com a democracia, é uma parte da velha</p>
--	--

²⁰ Edição do dia 15 de dezembro de 2011.

²¹ Em http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm

	<p>polícia que segue vendo o menino da USP, certamente porque era negro, então desencadeou o racismo, que leva a esse policial a ir lá adiante, sacar a arma. No episódio de São José dos Campos, essa opção preferencial pelas elites ricas e, nesse sentido, ainda bem que temos hoje um país governado por Dilma, uma pessoa que também foi presa política, torturada no tempo da ditadura, sucessora de Lula, com toda a sensibilidade social pra entender que é hora do governo federal mostrar os seus caminhos e as suas possibilidades, exigir apuração rigorosa dessas violências e sobretudo abrir possibilidade de solução pacífica com o direito à terra pelos moradores do Pinheirinho”.</p>
--	---

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Muito obrigado pela gentileza da sua presença, sempre extremamente valiosa”.
--	---

Já o comentarista de política internacional, Flávio Aguiar, é mestre e doutor em Teoria Literária pela USP. Flávio foi professor de Literatura Brasileira da instituição de 1973 a 2006. Durante o período da ditadura, foi um dos editores do jornal "Movimento", uma das principais publicações durante o período militar e que contava com a participação de diversos intelectuais, e também foi editor da Carta Maior, importante publicação brasileira ligada à esquerda. Pelo trabalho literário, Flávio Aguiar também ganhou três prêmios Jabuti, a principal premiação literária do Brasil. Além de contribuir para o Seu Jornal direto de Berlim, Aguiar escreve no blog Velho Mundo, hospedado no portal da Rede Brasil Atual. Na tela, Flávio Aguiar aparece junto com a inscrição “*Seu Jornal, Via Internet, de Berlim*” para identificar o comentarista do programa. Escritórios e redações em diversas partes do mundo são usados por emissoras de televisão como uma forma de demonstração do seu poderio econômico, uma vez que grandes agências de notícias – também com redações nos seis continentes – produzem material e distribuem as informações aos grupos regionais a todo o tempo. Ainda assim, grandes empresas como Globo, CNN e BBC mantêm correspondentes em vários países. O caso do Seu Jornal e da TVT é diferente, em parte, uma vez que a emissora e o programa não têm um escritório ou redação com jornalistas no exterior, mas o fato de ter um comentarista

de política internacional em Berlim, cuja participação é constante, é uma estratégia do programa para ganhar credibilidade perante a audiência.



Figura 1: Apresentação do comentário sobre política internacional, por Flávio Aguiar.

Como podemos ver acima, existem dois momentos para a apresentação de Flávio Aguiar. Num primeiro momento, ainda nas edições de dezembro analisadas, ele aparece como Correspondente Internacional do telejornal e usa o microfone da emissora. Ele está no que parece ser sua casa, com uma estante de livros atrás, que entendemos ser uma referência à história do professor, como intelectual e escritor. Seu papel no telejornal não mudou no período, mas, no entanto, nas edições de janeiro o professor passa a ser identificado como comentarista internacional. O mediador já não usa o microfone, embora apareça no mesmo local - com a estante de livros atrás. Apesar dessa mudança de identificação, a participação do professor é a mesma: o comentário sobre algum assunto que esteja em destaque no noticiário internacional. Além de Flávio Aguiar e Paulo Vannuchi, o telejornal possui comentarista em seus quadros. Anderson Carvalho é comentarista de esporte.

Os mediadores do programa são peças importantes para a análise, uma vez que eles são aspectos fundamentais para vermos o modo de endereçamento do programa. O apresentador Carlos Ribeiro está à frente da apresentação do programa desde o início. Careca e negro, Ribeiro está longe do estereótipo que estamos acostumados a ver nos programas jornalísticos brasileiros. A figura simpática do apresentador é responsável pelo clima informal que a apresentação do telejornal tem. É o modo como o

apresentador se comporta e se relaciona com a câmera que permite, por exemplo, que expressões como “*Brasilzão*” não soem forçadas.

Os enquadramentos de câmera não são tão explorados. Geralmente, o programa utiliza apenas três tipos de enquadramento. O Primeiro Plano é muito utilizado quando o apresentador faz algum tipo de editorial. O programa também utiliza este enquadramento como uma estratégia para aproximar o telespectador quando se trata de alguma notícia considerada mais importante.



Figura 2: Exemplo de Primeiro Plano. O mais próximo que o apresentador chega do telespectador.

Esse plano é utilizado também em pessoas recebidas para serem entrevistadas no estúdio ou pelos comentaristas que vão até lá, como o comentarista de política nacional Paulo Vannuchi. O outro enquadramento usado e o mais comum no programa é o Plano Médio. Na figura abaixo é possível ver elementos configuradores do que podemos chamar de telejornais convencionais, como a bancada, a tela ao fundo e o computador sobre a mesa. Ribeiro é enquadrado da cintura para cima.



Figura 3: Plano Médio. O enquadramento mais utilizado pelo Seu Jornal.

O computador, aliás, tem função meramente ilustrativa no conjunto do telejornal. Em nenhum momento das edições analisadas o notebook sobre a bancada foi utilizado pelo apresentador. Não há leitura de e-mail ou nenhum outro de recurso pelo qual o computador poderia ser utilizado. Apesar de o programa ser transmitido ao vivo, não há participação dos telespectadores através de mensagens, o que poderia justificar a leitura no computador, por exemplo. Se ele é utilizado para leitura do espelho²² do programa, também não é possível saber, uma vez que nem os olhares do apresentador não direcionados a ele. Além disso, o apresentador também utiliza papel na bancada, provavelmente com o espelho do telejornal.

O Plano Geral é utilizado no programa quando há algum elemento além do apresentador, como um entrevistado. Nele é possível ter uma dimensão do ambiente do telejornal e localizar o apresentador nele. Visualmente, o ambiente de apresentação do telejornal é bastante sóbrio, com cores como preto e cinza. Apenas a mesa de apoio da bancada que é num tom pastel. Os elementos que fogem desse padrão são as duas telas,

²² Espelho é o termo utilizado para chamar o roteiro do programa. Nele está a ordem de apresentação das matérias, notas, blocos e seus intervalos, por exemplo. O detalhamento das chamadas pelos apresentadores também está presente no espelho. Ele funciona como uma espécie de guia para os apresentadores do programa.

uma delas localizada na parte esquerda, junto com o apresentador, e a outra na parte direita, junto com o local onde fica o convidado do programa. Há também a marca do telejornal, localizada estrategicamente para que fique na parte central desse plano.



Figura 4: Plano Geral. Na imagem acima, o apresentador Carlos Ribeiro conversa com Paulo Donizetti, da Revista do Brasil. Edição do dia 12 de dezembro de 2011.

A vinheta de abertura do programa também traz referências explícitas ao contexto em que o programa está inserido. O elemento traz imagens de São Paulo e de milhares de trabalhadores reunidos, numa assembléia possivelmente. Essas imagens são importantes dispositivos de referência e localização do programa, tanto geograficamente ao mostrar uma estátua no Parque do Ibirapuera, quanto editorialmente, ao exibir trabalhadores numa assembléia. A vinheta tem exatos 15 segundos de duração.



Figura 5: Imagens da vinheta do Seu Jornal.

Na maior parte das edições, a escalada traz diferentes assuntos, mas todos relacionados ao tema política. Dessa forma, entendemos que isso é uma maneira de mostrar ao telespectador, num primeiro momento, o que ele deve esperar do programa. Numa das edições, no dia 12 de dezembro, quatro assuntos da escalada são “*Série especial sobre áreas de risco*”, reportagem que é justificada pela proximidade do período de chuvas; “*Término da primeira edição do livro A Privatária Tucana nas livrarias*”; “*Regressão do tumor na laringe do ex-presidente Lula*”; e “*Revista do Brasil faz balanço do primeiro ano do governo Dilma*”. Nesta mesma edição, política é a linha de fundo ou principal das matérias do primeiro bloco do Seu Jornal. Após a nota coberta sobre a saúde do ex-presidente Lula, a próxima matéria é sobre a desocupação de casas na comunidade da Vila Progresso, próxima de onde está sendo construído o Estádio de Itaquera, que vai receber os jogos da Copa do Mundo de 2014 na cidade de São Paulo. A reportagem é toda estruturada em cima das sonoras com moradores que tiveram suas casas demolidas e aqueles que vivem com a tensão de serem os próximos. A reportagem

de Uélson Kalinovski ouve moradores, um membro do Movimento Nossa Itaquera, Valter Almeida Costa, e Rosilene Wansetto, do Comitê Popular da Copa em São Paulo.

O telespectador mais atento vai lembrar que a construção do estádio, que será de propriedade do clube de futebol Corinthians, foi apoiada pelo ex-presidente Lula, mas em nenhum momento o governo federal é citado no texto. As críticas das vozes ouvidas na matéria – que não incluem as fontes oficiais dos governos municipal, estadual ou federal – fazem coro em direção à falta de um local para remanejamento dos moradores da comunidade e à pressão da Fifa para que o Brasil aceite suas exigências. A maior parte das fontes da matéria são moradores desalojados e membros de entidades ligadas aos movimentos sociais. Essa característica é recorrente na relação comunicativa que o programa constrói com a audiência.

A construção do texto segue um tom emocional e uma linha que mostra o “povo batalhador, trabalhador”, ou seja, aquele público pelo qual o telejornal está interessado em ser visto, sendo expulso de suas casas:

OFF: Uélson Kalinovski (Repórter)	“No meio dos escombros vivem os que resistiram e não assinaram a desapropriação”.
SONORA: Maria de Lourdes (Dona de casa)	"Lutei com muito suor pra fazer minha casinha e, hoje, eles querem arrancar e não dizem pra onde a gente vai”.
OFF: Uélson Kalinovski (Repórter)	“Relato emocionado de Aparecida resume o sentimento dos moradores”.
SONORA: Aparecida (não há mais identificação)	"Estou pedindo, sim, uma casa pra eu pagar, não com orgulho, nem com soberba, mas na dignidade do homem, porque o homem que não tem sua casa, ele é nu".

A passagem do repórter acontece em frente à Prefeitura de São Paulo, onde membros do Comitê Popular da Copa em São Paulo fazem um protesto e distribuem panfletos para chamar atenção dos transeuntes sobre a questão e mostrar que “*a Lei Geral da Copa*

não atende aos anseios da população brasileira”. Algo interessante de se observar é que o repórter começa a passagem com uma pasta de documentos na mão e só depois explica que aquele é um dossiê produzido pelos membros do comitê e que “prova” essa falta de atendimento da Lei Geral da Copa à população brasileira. Em seguida ele ouve a responsável pelo comitê presente à manifestação:

SONORA:	“Não somos contra a realização da Copa, mas, sim, com a forma com que ela vem sendo realizada e com as exigências que vem sendo apresentadas pela Fifa, que violam os direitos sociais, os direitos humanos, a soberania do Brasil, do povo brasileiro”.	Rosilene Wansetto (Comitê Popular da Copa em São Paulo)
----------------	--	---

Por fim, a reportagem termina com Rosilene Wansetto afirmando que os trabalhadores que hoje trabalham nas áreas ao redor dos estádios serão expulsos pela Fifa para que apenas seus parceiros comerciais possam explorar esses espaços.

A relação entre o programa e telespectador é regulada por acordos tácitos, que dizem sobre o papel do jornalismo na sociedade. Esse pacto é que dirá ao telespectador o que esperar do programa. De acordo com Gomes:

Para compreensão do pacto é fundamental a análise de como o programa atualiza as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo, em outras palavras, como lida com as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as idéias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera. (GOMES, I., 2007, p. 26).

No caso do Seu Jornal, esse acordo é sobre o que envolve o interesse público e a responsabilidade social. O telespectador do programa está sempre sendo convocado como alguém que “procura um mundo mais justo” ou como alguém que “busca as notícias que são importantes para a transformação social do Brasil”. A noção de

interesse público do programa, no entanto, está atrelada a outras agendas, como a da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Logo, a partir destas compreensões, entendemos que o telejornal deixa as primeiras marcas sobre o que é o seu pacto sobre o papel do jornalismo. Ao não ouvir fontes oficiais dos governos ou responsáveis pela obra, o programa arrisca perder sua credibilidade. Mas, ao mesmo tempo, podemos marcar o modo como a matéria é conduzida pelos valores-notícia da responsabilidade social e do interesse público. Partindo da concepção de interesse público do pesquisador da Universidade Federal da Bahia Wilson Gomes, chegamos à conclusão de que a matéria, mesmo que com outros objetivos e modos de produção, atende a esse valor notícia do jornalismo. Para Wilson Gomes, uma vez que o serviço do jornalismo é a produção e circulação de informação,

[...] servir ao interesse público significaria colocar à disposição do público os repertórios informativos necessários para que ele possa influenciar a decisão política e a gestão do Estado, para que possa fazer-se valer na esfera política. Servir ao interesse público é servir à cidadania, no sentido de possibilitar que a coisa pública, o bem comum, seja decidido e administrado segundo o interesse geral da sociedade. (GOMES, W., 2009, p. 79 e 80).

Essa questão é fundamental para entender o modo de endereçamento do programa. A maior parte das fontes do programa não são fontes oficiais. A descrição dos objetivos do programa como um “canal de amplificação da voz dos movimentos sociais” faz sentido quando analisamos o programa, mas existe um direcionamento voltado a certos setores dentro do próprio movimento social, principalmente aqueles ligados ao Partido dos Trabalhadores, que surgiu no âmbito do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, entidade que detém a outorga da TVT.

As fontes não-oficiais estão em muitas reportagens do telejornal. Na semana analisada de dezembro de 2011, o programa exibiu uma série de reportagens sobre o período de chuva no ABC paulista. Na segunda reportagem da série, exibida no dia 13 de dezembro, o problema retratado é o risco de desabamento de terra no Morro dos Macacos, na Zona Sul da cidade de São Paulo. A secretaria de Habitação de São Paulo só se pronunciou através de uma nota, mas a reportagem ouviu outras duas fontes sobre o assunto. Após sonoras com moradores, a matéria traz uma sonora de uma arquiteta e urbanista:

SONORA:	“Projetos como o conjunto habitacional são importantes, mas precisam estar acompanhados de outras políticas públicas, de desenvolvimento urbano e inclusão social, que vão ser mais eficientes do que somente a política habitacional. Na minha experiência com projetos de urbanização de favelas, o que eu vi foi que os que dão o melhor resultado são aqueles em que a população se envolveu mais, participou mais”	Patrícia Rodrigues Samora, arquiteta e urbanista.
----------------	---	---

A reportagem identifica Patrícia Samora apenas como arquiteta e urbanista, sem nenhuma outra menção a local de trabalho ou carreira da profissional. Patrícia Samora, no entanto, é doutora em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP) e sua tese - intitulada “Projeto de habitação em favelas: especificidades e parâmetros de qualidade” - foi premiada internacionalmente. Embora tenha sido identificada apenas como arquiteta, o fato de ser doutora por uma instituição conceituada poderia ter sido usado a favor da reportagem. Logo em seguida, outra sonora:

SONORA:	“Vai demorar 20, 30, 40 anos de investimento público das diferentes instâncias para a solução do problema, que não é único e exclusivamente habitacional. É integrar parte da população brasileira, que está marginalizada do processo da nação”.	Márcio Ackermann, geógrafo.
----------------	---	-----------------------------

Novamente, a fonte do telejornal é identificada apenas pela profissão. Adotando um tom dramático, a reportagem termina com a sonora de uma moradora do local, mas com uma imagem de arquivo. O programa tinha acompanhado o “drama” das famílias no ano anterior:

APRESENTADOR:	“O que é que eles vão fazer com todas essas pessoas aqui? Essa é a pergunta que nós temos que fazer para o governador, para o pessoal da Câmara Municipal. O que é que eles vão fazer conosco aqui?”.	Alexandra Barbosa, moradora.
----------------------	---	------------------------------

Ao retornar ao estúdio, o apresentador Carlos Ribeiro pergunta: “Pois é, quem é que pode responder?”. Por diversas vezes o apresentador assume a postura de igualdade com o telespectador. Como neste exemplo, em que ele não sabe responder ao questionamento de uma das vítimas das chuvas, Carlos Ribeiro repete a postura em outros momentos. No dia 13 de dezembro, uma reportagem sobre polêmica envolvendo a administração do Metrô de São Paulo e grafiteiros é exibida pelo telejornal. A reportagem relata a indignação de artistas após a administração do Metrô ter mandado pintar um dos grafites que dizia “Todo vagão tem um pouco de navio negreiro”. A matéria é feita pelo vídeo-repórter Carlos Carlos ouvindo grafiteiros responsáveis pela obra e pessoas que passam pelo local. Após o fim da matéria, o apresentador comenta:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“É bom que se diga que grafite é uma manifestação democrática muito diferente de pichação, que é só porcaria que acontece ali. E o que me marcou foi essa frase: todo vagão tem um pouco de navio negreiro. Como a gente continua sofrendo”.
--	--

Embora raramente perca a aparência serena, o apresentador revela um tom de indignação ao dizer “*como a gente continua sofrendo*”. Ao mesmo tempo, se coloca e se solidariza com o telespectador, que utiliza transporte público. O apresentador Carlos Ribeiro ainda faz questão de afirmar que o grafite “*é uma manifestação democrática*”. Desta forma, ele faz uma clara defesa de uma manifestação comumente marginalizada por parte da sociedade e coloca o programa, novamente, ao lado daqueles que mais precisam, dos mais fracos e marginalizados.

6.3 O SEU JORNAL X GRANDE IMPRENSA

O telejornal, de maneira sutil e às vezes até irônica, faz referência ao que se convencionou chamar de “Grande mídia” ou “Grande imprensa”. O termo é usado com bastante frequência, principalmente, por alguns pesquisadores da área, ativistas políticos e blogueiros ligados à luta pela democratização dos meios de comunicação, a exemplo do jornalista Altamiro Borges. Em seu livro “A Ditadura da Mídia” (2009), o jornalista e blogueiro, afirma que a grande mídia:

[...] se constitui na forma dominante através da qual a maioria da nossa população ainda hoje recebe, sem possibilidade de interação, as informações que moldam a sua percepção do que é e de como funciona o mundo, próximo e distante. (BORGES, 2009, p. 9).

No livro, Borges usa uma classificação de Daniel Herz, membro do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) para o “primeiro time” do grupo que opera a “mídia nacional”: são eles as principais emissoras de TV, como Globo, SBT, Record e Bandeirantes; a Editora Abril, que edita grandes revistas de circulação nacional, como Veja, Exame e Contigo; e os jornais Estadão e Folha de S. Paulo, ambos com sede em São Paulo. Essas empresas constituem também as maiores do setor no Brasil e os grupos aos quais pertencem – como é o caso de Globo e Abril – figuram nas listas dos maiores do mundo em suas respectivas áreas.

Em uma das edições do telejornal²³ há uma entrevista com o editor-chefe da Revista do Brasil, pertencente à Rede Brasil Atual, ligada à CUT. Paulo Donizetti é convidado para falar sobre a edição de dezembro da publicação – que é mensal – e que faz um balanço do primeiro ano do governo da presidenta Dilma Rousseff. Ribeiro apresenta o editor e diz que ele vai falar sobre a edição da revista, que faz uma avaliação do governo em três áreas: crise política, política externa e economia. Donizetti começa dizendo que “*Dilma voltou a falar grosso com os países ricos, a cobrar soluções para a crise, a cobrar responsabilidades pela crise na economia mundial*”. Aqui o jornalista faz menção à já disseminada fama de durona da presidenta da República.

²³ Edição do dia 16 de dezembro de 2011.

Durante a entrevista, Donizetti fala sobre o costume da “grande imprensa” de defender o corte de gastos do Governo Federal e diz que isso resultou no crescimento zero medido pelo IBGE.

ENTREVISTADO: Paulo Donizetti (Editor da Revista do Brasil)	“No momento em que o governo fez aquilo que os colunistas da grande imprensa costumam defender, que é cortar gastos e segurar as despesas, o efeito, o que aconteceu foi o crescimento zero, agora, no último trimestre, medido pelo IBGE. As pessoas cobram isso, não é? Os colunistas da imprensa convencional cobram isso, mas agora a responsabilidade pelo PIB zero no último trimestre é do governo”.
--	---

Depois dessa consideração, o editor ri levemente com ar de ironia. Ribeiro afirma em seguida que Guido Mantega, ministro da Fazenda, afirma que isso iria se reverter no próximo trimestre. Donizetti concorda. O riso, mesmo que de leve, não deixa de produzir sentido. Segundo Gutmann:

No telejornalismo, as notícias são reveladas por sujeitos de fala que utilizam seus corpos como dispositivo expressivo na geração de sentido. A oralidade, o gestual, a entonação da fala, o modo como a imagem desses sujeitos é enquadrada na tela compõem atos performáticos, essenciais para a conformação da interação com o espectador. (GUTMANN, 2011, p. 56)

Esse sorriso revela um tom de deboche em relação às previsões dos economistas das emissoras de TV e dos jornais da “grande imprensa”, indicando que elas serviriam como “piadas”. Em seguida, ainda na entrevista, que tem duração de 4 minutos e 56 segundos, Donizetti utiliza mais um argumento de embate e de diferenciação do jornalismo da revista e da “grande imprensa” para dar credibilidade ao que está dizendo.

ENTREVISTADO:	“Isso vai se reverter no quarto trimestre porque agora foram
----------------------	--

Paulo Donizetti (Editor da Revista do Brasil)	tomadas medidas que a gente sempre defende na linha editorial da revista. A gente sempre cobra que o crescimento econômico seja sustentado através da geração de emprego e do estímulo ao consumo da economia”.
---	---

Em outro momento, na edição de quarta-feira, dia 14 de dezembro, o telejornal volta a usar o termo “Grande imprensa”. Desta vez, após apresentar o comentarista do telejornal, Paulo Vannuchi, e de exibir uma matéria sobre o livro A Privatária Tucana, que fala sobre supostos esquemas de corrupção no governo FHC e o envolvimento do ex-governador de São Paulo, José Serra, nos crimes, o apresentador questiona ao comentarista sobre o suposto silêncio da “grande mídia” sobre o tema.

COMENTARISTA: Paulo Vannuchi (comentarista)	“A grande questão por trás desse silêncio ensurdecedor, desse silêncio muito revelador, é exatamente um desafio da democracia. Na democracia precisamos ter uma imprensa boa, inteiramente livre e pra ser livre é preciso ter muitos veículos como a TVT, que ouve os dois lados, que informa com objetividade. Mas, no Brasil, predominam revistas, jornais, grandes jornais, grandes cadeias de televisão que parecem que tem um alinhamento. Então, quando se trata de denúncias envolvendo o governo Lula e o governo Dilma, eles são muito rigorosos, trabalham diariamente, investigam, apontam. E quando acontece um episódio como esse, envolvendo o Serra, às vezes Geraldo Alckmin, às vezes Aécio, esse alinhamento da grande imprensa leva a escândalos, como esse silêncio de vários dias [...]”.
--	---

O comentário de Vannuchi se refere à TVT como exemplo de imprensa “boa”, do tipo que é necessária à democracia, com imparcialidade, que ouve os dois lados. Aqui, o telejornal nos mostra outra marca sobre o que ele pactua como jornalismo. Ao indicar que a imparcialidade é uma das marcas da emissora e do telejornal, através de um dos seus mediadores – o comentarista de política nacional – o telejornal se junta a outros que dão valor à imparcialidade como algo fundamental à democracia, o que, como

vimos anteriormente, não passa de um discurso do campo para legitimar suas ações e é algo desacreditado pela academia e até mesmo por profissionais da área. O mediador ainda reduz o campo a uma área onde predominaria o maniqueísmo: a diferença entre a imprensa “boa”, como a TV dos Trabalhadores, e a imprensa “má”, possivelmente os veículos de comunicação da “grande imprensa”. Mas, ao mesmo tempo em que coloca os veículos como bons e ruins, o comentarista usa o discurso da imparcialidade, que é comum à maior parte dos veículos de imprensa e é uma criação dos jornais populares norte-americanos no século XIX. No entanto, quando analisamos o programa percebemos que esse pacto não é cumprido pelo telejornal. Em diversas reportagens, as fontes que dariam o contraponto da opinião não são ouvidas. Ao colocar o programa como necessário à democracia, que precisa de uma “imprensa boa”, como a TVT, o mediador adota uma postura maniqueísta em relação aos meios de comunicação brasileiros, que estariam, assim, divididos entre “bem” e “mal”. Ao mesmo tempo em que faz a crítica aos outros veículos, o programa comete o que seria considerado um erro no jornalismo, que é não ouvir o outro lado. De certa forma, isso depõe contra o programa. Essa falta do outro lado, da voz contrária na maioria das matérias pode ter uma razão: uma vez que os telejornais de outros veículos apresentam apenas o lado que lhe interessa, cabe ao *Seu Jornal* mostrar e dedicar o seu espaço apenas à sua versão dos fatos, sem o contraponto – este amplamente divulgado pela “grande imprensa”.

Entendemos que, ao fazer referência à grande imprensa, e citá-la como defensora de uma política econômica errada em uma das matérias, o telejornal, através das suas figuras de mediadores – o apresentador e o convidado comentarista – tenta desconstruir a “pretensão de verdade” da dita grande imprensa, além de usar isto como estratégia para legitimar a sua. Exemplo disso é quando eles afirmam que o crescimento no trimestre seguinte será retomado devido a medidas que o governo adotou e que a revista defende em sua linha editorial. Wilson Gomes apresenta este termo quando trata do princípio da veracidade em seu livro “Jornalismo, Fatos e Interesses”. Para ele este princípio pode ser descrito da seguinte maneira:

[...] ninguém fala com seriedade ou com pretensão de ser levado à sério se não assume implicitamente o compromisso, diante dos seus interlocutores, de que os argumentos que apresenta são por ele considerados verdadeiros. Dito de outro modo, ninguém é obrigado a levar a sério o que digo se não achar que eu estou convencido de que o que digo é verdade. Logo, dizer algo é ao mesmo tempo sustentar uma posição sobre fatos e coisas e assumir o

compromisso com qualquer interlocutor de que a posição sustentada é por mim considerada verdadeira. Ademais, ao fazer isto, não sustento apenas que o que digo é verdadeiro para mim; assumo que o é para qualquer um e que qualquer pessoa pode vir a ser honestamente convencida disso. Desse modo, apresentar publicamente a minha convicção subjetiva na verdade do que afirmo implica sustentar ao mesmo tempo uma pretensão de verdade. (GOMES, W., 2009, p. 9 e 10).

Ou seja, usando um exemplo factual, o Seu Jornal derruba a pretensão de verdade da “grande mídia” e legitima a sua. No entanto, ao utilizar estratégias dos telejornais desta mesma “grande imprensa” o programa assume um papel contraditório ao que se propõe. Como um “canal dos movimentos sociais”, nós entendemos que, no contexto brasileiro, significa algo que não vá pela via hegemônica. No entanto, o telejornal é construído a partir de um conceito e formato de jornalismo hegemônico – comum às grandes redes de TV – e chama para si o discurso de legitimação desse jornalismo. Quando Paulo Vannuchi diz que a TV dos Trabalhadores e o Seu Jornal são imparciais, ele está, retoricamente, pactuando com o que se constituiu socialmente como jornalismo no Brasil e em outros países. A partir da sua proposta, o telejornal poderia ter um formato que fosse inovador e diferente, dentro das suas limitações técnicas, financeiras e políticas, e ao mesmo tempo usar outras estratégias para se legitimar e ter credibilidade perante o seu público-alvo, que são as pessoas interessadas na “transformação social” do país.

A partir das considerações acima é possível ver o embate e a disputa de poder que vem sendo travada nos últimos anos, no Brasil, devido, essencialmente, à visibilidade que vem tendo a imprensa com pontos de vista mais progressistas e menos conservadores. Revistas como a Carta Capital e a Revista do Brasil, que, apesar da circulação pequena se comparadas a outras revistas de circulação nacional, contam com publicidade dos governos mais recentes, o que não as torna menos legítimas, já que grandes revistas de circulação nacional, a exemplo da Veja (com 1,2 milhão de exemplares por semana)²⁴, com um estilo muito mais conservador, também recebem verbas publicitárias estatais. No caso da Carta Capital, a revista com a maior circulação entre as que possuem uma linha editorial alinhada ao pensamento de esquerda, até mesmo grandes empresas e bancos anunciam em suas páginas.

²⁴ Disponível em <http://publicidade.abril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral/>

Como acontece em boa parte da América Latina, o contexto jornalístico brasileiro é dominado por grandes grupos privados de comunicação. As Organizações Globo são o maior grupo de comunicação da América Latina e um dos maiores do mundo²⁵. Além de controlar a TV Globo, que recentemente se tornou a segunda maior emissora do mundo²⁶, o grupo possui diversas emissoras de rádio com grande audiência, como CBN e Rádio Globo, e jornais cuja circulação está entre os maiores do país, como O Globo e Extra. A emissora possui a maior rede de afiliadas do país e estas muitas vezes estão nas mãos de outros grandes grupos privados, que reproduzem regionalmente a musculatura que a emissora carioca possui nacionalmente. Exemplos como a Rede Brasil Sul (RBS) que atua na região Sul e é dona das principais afiliadas da Globo no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além de editar os maiores jornais da região, como o Zero Hora, de Porto Alegre; e a Rede Bahia, que atua na Bahia e é dona também das principais emissoras afiliadas à Globo na região, além de possuir rádios e o jornal Correio da Bahia, que possui a maior circulação do Nordeste.

As outras grandes emissoras de rádio e TV do país também são administrados por outros grandes conglomerados, como SBT (Grupo Silvio Santos), jornal Folha de S. Paulo e portal UOL (Grupo Folha), TV e Rádio Band (Grupo Bandeirantes) TV e Radio Record (Igreja Universal). Quando falamos em revistas a situação também não é muito diferente. As editoras Abril e Globo respondem pela maior parte das publicações brasileiras, com ampla vantagem para a primeira (que tem mais de 50% do mercado). Esses grupos por sua vez se articulam através de seu poder de barganha próprio, mas também através de instituições, como a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) e a Associação Nacional de Jornais (ANJ).

6.4 A SENSIBILIZAÇÃO DO TELESPECTADOR NA PAUTA DO *SEU JORNAL*

Na semana de dezembro de 2011 (12 a 16), o Seu Jornal exibiu uma série de reportagens sobre as áreas de riscos das cidades do ABC paulista e também da capital, São Paulo. A justificativa apresentada aos telespectadores era a de que o período de

²⁵ Apenas a emissora de TV faturou R\$ 12 bilhões em 2012: <http://rd1.ig.com.br/televisao/globo-fecha-2012-com-faturamento-de-r-12-bilhoes/159958>

²⁶ Disponível em <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/3-imprensa-a-comunicacao-/68574-globo-se-torna-a-segunda-maior-emissora-de-tv-do-mundo.html>

chuvas estava chegando e a série mostraria os riscos a que boa parte da população está exposta, além de soluções para o problema. Ao longo de uma semana, o telejornal exibiu cinco reportagens feitas pela repórter Michelle Gomes. Na mesma semana, o telejornal da TVT fez uma cobertura exaustiva do livro *A Privatária Tucana*, do jornalista Amaury Ribeiro Jr., que acusa políticos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) de cometerem crimes como lavagem de dinheiro durante as privatizações que ocorreram no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

A primeira reportagem²⁷, no dia 12 de dezembro, começa com imagens de chuva forte e tempo fechado. Nos primeiros dez segundos, a matéria não tem off da repórter, apenas sons de chuva forte e trovões. Em seguida, a repórter inicia o texto afirmando que “basta o tempo fechar para os moradores do Morro do Macuco, no Jardim Zaira, em Mauá, perderem o sono”, numa tentativa de mostrar o clima de medo e insegurança em que vivem os moradores da comunidade. Em seguida, a fala de um morador confirma o que é dito pela repórter no off anterior: “*a gente não dorme, qualquer barulho a gente já pensa que é uma coisa mais grave*”. Após a sonora, um recurso conhecido como *fade out* é usado (vai escurecendo a imagem devagar) e retorna imagem de um tênis em meio a escombros de casa acompanhado do som de trovão ao fundo.

A utilização de som e trilha sonora na reportagem sobre as chuvas foi algo que chamou a atenção durante a análise do telejornal. Solos de guitarra e sons de piano foram usados para produzir sentido em determinadas imagens. Mais de uma vez esses recursos dão às reportagens um tom dramático e sensacionalista. Para Juliana Gutmann (2011), pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo, as articulações da imagem ao som, na forma de texto verbal, recurso que se coloca como uma espécie de condição do relato telejornalístico, de áudio ambiente (voz ou ruído) e música, atuam na estruturação das formas de acesso à realidade construída em uma reportagem. Segundo a pesquisadora:

Uma música cujo ritmo acelerado é sobreposto a imagens em movimento de pessoas na rua pode nos remeter à atmosfera de caos urbano; ao passo que uma música mais lenta de melodia suave, atrelada à imagem de um sujeito que perdeu um ente querido, pode nos levar à comoção. No caso das reportagens, é importante destacar que esse jogo de sentidos operado na relação entre música e imagem é agenciado pelo dispositivo da narração em

²⁷ Edição do dia 12 de dezembro de 2011.

off, elemento que atua como poderoso indexador de significados, de modo a reduzir o leque de diversidade interpretativa. (GUTMANN, 2011, p. 67 e 68)

A matéria usa imagens de arquivos que mostram o “drama” dos moradores durante as chuvas no início de 2011. Entre as cenas exibidas estão a de moradores limpando as casas sujas de lama e deixando os imóveis. A articulação de imagens de chuva com o som de chuva forte e trovões provocaria, de acordo com a nossa interpretação de Gutmann (2011), a atribuição de significado ao que ela chama de evento sonoro: "o barulho de uma sirene de ambulância, juntamente com a imagem de uma batida entre dois carros, pode configurar uma cena de acidente de trânsito envolvendo feridos". Assim, a combinação de elementos utilizada no Seu Jornal pode configurar uma cena de deslizamentos de terra envolvendo moradores que perderam seus imóveis e/ou a vida.

Assim como, o som captado in loco, a música funcionaria para acentuar determinando sentido relacionado à imagem, atuando como dispositivo de aproximação da audiência com o que é revelado de modo a acentuar determinado sentido a partir da criação de uma atmosfera na qual o espectador é inserido. (GUTMANN, 2011, p. 67)

Esses recursos foram usados em todas as reportagens da série exibidas durante a semana. Em sua tese de doutorado, Gutmann (2011) identifica no telejornalismo aquilo que Chion (1993) denomina de som off, áudio cuja fonte não é visível, como a narração do repórter ou de música, esta mais rara de aparecer; e som in, aquele onde a fonte aparece e pertence à realidade que ela evoca (a sonora, a passagem, a apresentação do estúdio). Na edição do dia 13 de dezembro, a matéria, após off da repórter e imagens de arquivo sobre os estragos da chuva na temporada passada, vem com o relato indignado de uma moradora do Morro do Macaco, entre Diadema e a Zona Sul de São Paulo. Maria de Fátima Pio relata o que passou:

SONORA: Maria de Fátima Pio, moradora do Morro do Macaco.	"Eu espero que eles venham indenizar a gente. É o mínimo que eles podem fazer, já que a vida da minha da nora e do meu neto ninguém vai trazer de volta".
---	---

A moradora não consegue segurar o choro no trecho final da frase quando fala do neto e da nora. Em seguida, imagens de arquivo do morro após o desabamento, e de moradores retirando os pertences que conseguiram recuperar, são articuladas com o som de vento (que remete a um ambiente abandonado) e de uma música tocada no piano, que dá uma conotação fúnebre. A seqüência de imagens, com o choro e o morro após o desabamento, tem clara intenção de sensibilizar o telespectador. O programa constrói uma relação comunicativa com seu espectador onde a solidariedade é algo central. Veremos mais sobre essa questão em breve. Neste caso específico, o recurso do choro e toda a estrutura da matéria lembram as estratégias utilizadas pelos programas sensacionalistas, que no Brasil ganham força após o surgimento do Aqui Agora, transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão - SBT. De acordo com Danilo Oliveira:

No Brasil, o telejornalismo de cunho sensacionalista, também conhecido como mundo cão, ganhou visibilidade com o surgimento do telejornal Aqui Agora, que foi ao ar em 1991, pelo SBT, considerado o programa precursor do telejornalismo policial na televisão. O programa, de caráter espetacularesco e que tinha como foco as notícias sobre violência, era apresentado por Gil Gomes, que há mais de 40 anos trabalha como repórter policial, e chocou o país em 1993 com a exibição ao vivo de um suicídio de uma adolescente. O próprio nome do programa era sugestivo, pois segundo o apresentador, a todo o momento, as câmeras e os microfones do telejornal estavam no momento exato do acontecimento, para mostrar a realidade “nua e crua”, sem interferência e sem maquiagem. (OLIVEIRA, 2007, p. 53)

A sensibilização com as imagens dos moradores sem casa, chorando a perda de familiares ou até mesmo comemorando a conquista de um imóvel num lugar digno são frutos desta articulação entre som e imagem. Em outra situação, na edição do dia 23 de janeiro, a reportagem é sobre a desocupação do Pinheirinho, em São José dos Campos. O repórter Carlos Carlos vai a uma igreja para acompanhar a população que procurou abrigo no local. Ainda na chamada o apresentador prepara o telespectador para o que ele vai ver na reportagem:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Voltamos a falar sobre a reintegração de posse no bairro do Pinheirinho, em São José dos Campos. Hoje, os resultados do confronto entre moradores e polícia estão à flor da pele. O vídeo-repórter Carlos Carlos foi até a cidade de São José dos Campos conversar com os moradores e ver o dia seguinte de
--	--

	mais uma tragédia anunciada”.
--	-------------------------------

A matéria é construída com sonoras do padre da igreja e de moradores que relatam o drama que foi perder suas casas.

SONORA: Sônia Silva, moradora.	“Eles gravam lá, falam que vão passar a reportagem pra ajudar a gente, lá no Pinheiro, que a gente já está lá na luta, tentando uma moradia. Ninguém é bandido. Todo mundo é pai, trabalhador, pai de família. Eles entram lá, filmam. A gente fala uma coisa e eles põem outra completamente diferente. A gente tá se sentindo muito mal, a gente está se sentindo que nem uns animais”.
---	---

REPÓRTER: Carlos Carlos	“Essa questão toda que tá envolvendo o Pinheirinho, o senhor acha que é uma questão policial ou é uma questão de política pública relacionada à moradia?”.
-----------------------------------	--

SONORA: Ronildo Aparecido, padre.	“Sempre deveria começar por razões sociais. O social vai além do econômico, do político e do jurídico. É o ser humano em si, a sua dignidade e os seus direitos. Nós temos poderes que falam por si mesmo, mas todos deveriam estar à serviço da vida”.
--	---

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Você viu o que aquela senhora falou? Nós mostramos a realidade nua e crua aqui na TVT”.
--	--

Essa situação ilustra questões bastante caras ao Seu Jornal e que já foram relatadas neste trabalho de alguma maneira. Em primeiro lugar, uma das sonoras feitas pelas matérias mostra uma das moradoras desalojadas criticando abertamente os meios de comunicação que vão ao local e mentem. A condição da senhora, aparentemente fragilizada e em posição de desvantagem social, a torna uma fonte capaz de chamar

atenção do telespectador para uma questão que o programa traz: a crítica aos meios de comunicação tradicionais. Neste caso, o programa também lança mão da fonte para sensibilizar o telespectador, que deve se solidarizar com a situação da moradora.

Uma segunda questão envolve a Igreja Católica. Por causa das péssimas condições do alojamento, os moradores pedem para ficar na igreja da comunidade e são acolhidos pelo padre. Na falta de uma fonte oficial, o repórter ouve a fonte da igreja, instituição que teria o respeito dos moradores. É preciso lembrar que a Pastoral Operária, que surgiu dentro da Igreja Católica no ano de 1973, teve um importante papel na reestruturação do novo sindicalismo que emerge na região do ABC paulista e na cidade de São Paulo, no final da década de 70, em meio à forte repressão dos governos militares. Aqui, o padre encarna o papel da fonte que é conhecida e respeitada pelo telespectador, além de estar alinhado ao programa, ao defender o povo. Segundo Machado (2009):

Na cidade de São Paulo, o apoio da Igreja paulista, ou seja, da arquidiocese de São Paulo, aos diversos movimentos sócio-políticos, que posteriormente tiveram grande influência na constituição do PT, ocorreu das mais variadas formas e a diversos movimentos (MACHADO, 2009, p. 6).

Quando retorna ao estúdio, o apresentador termina com a frase: “Nós mostramos a realidade nua e crua aqui na TVT”, reforçando o que uma das moradoras diz. O programa assume uma postura sensacionalista, mas diferente da dos tradicionais programas policiais. A realidade “nua e crua”, como diz o apresentador; as cenas de moradores sendo alvo da violência da Polícia Militar na desocupação do Pinheirinho; e as imagens de brinquedos e tênis em meio aos escombros, por exemplo, dão uma mostra do sensacionalismo praticado pelo programa. Este muito mais baseado da sensibilização pelo drama do que nos recursos de programas policiais como o Cidade Alerta, que costumavam trabalhar com a agilidade e o ao vivo como estratégias do pacto sobre o jornalismo praticado no programa. A lógica maniqueísta está presente no programa, embora o vilão neste caso não seja o “bandido”, mas o governo do PSDB, responsável pela ordem de retirar os moradores da comunidade do Pinheirinho. Esse ponto de vista do programa – que faz parte da relação que ele constrói com o telespectador – fica mais explícito em algumas situações.

Na edição do dia 25 de janeiro, uma reportagem trata do aniversário da cidade de São Paulo. O apresentador Carlos Ribeiro, ainda na chamada da matéria, diz que a manifestação mais importante aconteceu na Praça da Sé. Enquanto uma missa na catedral contava com a presença do prefeito Gilberto Kassab, do PSD, e do governador Geraldo Alckmin, do PSDB, manifestantes protestavam do lado de fora contra as operações policiais na Cracolândia – região no centro de São Paulo que possui uma grande presença de usuários de crack. Durante a gravação da matéria, a equipe do telejornal filma a confusão envolvendo policiais e manifestantes. O repórter Carlos aparece em meio aos manifestantes e a câmera que o acompanha acaba sendo vítima de gás de pimenta. Aqui, o repórter Carlos deixa o papel de vídeo-repórter e passa a contar com outro profissional da emissora. O relato visual não é interrompido. Ao ser atingido pelo gás o repórter cai e o telespectador pode acompanhar as imagens da câmera perdida em meio à multidão. É como se eles estivesse “vivenciando” a situação. Depois da confusão o repórter entrevista alguns manifestantes e entre eles está um que chama Kassab e Alckmin de “capeta e satanás”. Entre as imagens mostradas estão as de cartazes que trazem inscrições como “Fora, Rede Globo” e “Assassinos. PSDB = Nazismo”.

Outro exemplo disso acontece na última reportagem da série, exibida sexta-feira, 16 de dezembro. Após mostrar a construção de conjuntos habitacionais em São Bernardo do Campo (a última reportagem é a única que mostra um exemplo de investimento na área de habitação. Coincidentemente ou não, isso acontece em São Bernardo do Campo, município que tem o maior Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil), a repórter conversa com um trabalhador, que vivia numa área de risco, mas hoje mora numa dos condomínios habitacionais que ajudou a construir.

<p>OFF: Michelle Gomes (Repórter)</p>	<p>“Antônio, encanador das obras, é um dos moradores do Três Marias”. (conjunto habitacional)</p>
--	---

Durante esse off são exibidas imagens de Antônio trabalhando em um dos prédios e depois andando por uma das ruas com a repórter.

OFF: Michelle Gomes (Repórter)	“A família dele foi tirada de uma área de risco no bairro Divineia, onde ele morou por seis anos”.
---	--

Aqui são exibidas imagens de Antônio e da repórter no local onde o trabalhador vivia, mas as imagens são em preto e branco, como se fosse algo do passado. Aqui, novamente, um recurso técnico é usado para produzir sentido. Neste ponto é importante observar o valor da fonte. Não se trata de uma pessoa qualquer, um morador aleatório que perdeu sua casa, mas sim de um trabalhador. As imagens do trabalhador com sua roupa de trabalho, no seu local de trabalho e chegando à sua casa nova, dizem muito sobre o endereçamento que o telejornal constrói. Consideramos legítimo, uma vez que se trata de uma TV dos trabalhadores.

Em outra oportunidade, a repórter aparece novamente em imagens que acompanham o off, desta vez sentada no passeio junto com um morador, ao lado de uma casa que foi demolida porque ficava em área de risco de desabamento. Recupero Gutmann para falar da figura da repórter:

Pensada enquanto estratégia de presentificação, o que supõe competências do leitor, as performances funcionam, no telejornal, para dar corpo, materializar sentidos seja através da figura dos apresentadores, repórteres, fontes, comentarista e correspondentes. Esses sujeitos falantes encarnados em diferentes corpos atuam no texto como indicadores expressivos de determinadas performances no processo gerador de sentidos. (GUTMANN, 2011, p. 57).

A figura da repórter é central no modo como a edição é construída e é exibição do mediador na hora e no local, vivendo uma situação, é uma das estratégias do telejornal para ganhar credibilidade. As aparições de Michelle Gomes não acontecem apenas nas passagens das matérias. Além da passagem, recurso tradicional da estrutura de uma reportagem de telejornal, a repórter aparece diversas vezes em cenas conversando com moradores. Este fato é observado não apenas antes das sonoras com as fontes, mas também em outros momentos do off. De certa forma, podemos dizer que essa presença

da repórter nas cenas é uma maneira de mostrar que o mediador está lá no local da notícia, presencia as situações ao vivo e a cores, ouve relatos para contar à audiência.

6.5 A TVT APRENDE A FAZER TV

Certas limitações técnicas, no entanto, estão presentes no telejornal. A emissora, novata no “mercado”, ainda está engatinhando na tentativa de conseguir fazer um programa competente do ponto de vista técnico. O telespectador vai perceber que o “link ao vivo” – quando o repórter realiza uma passagem ao vivo, durante a exibição do programa – não é utilizado pelo programa, a não ser pela sua própria exibição, que acontece em tempo real. A exibição e aparição ao vivo constituem uma das principais estratégias de construção de credibilidade pelos telejornais. Segundo Itania Gomes (2007, p. 26), “as transmissões ao vivo ainda são o melhor exemplo do modo como os programas buscam o reconhecimento da autenticidade de sua cobertura por parte da audiência. Redes internacionais como a CNN e BBC são exemplares nesse sentido”. A incapacidade técnica e financeira da emissora não permitem que a transmissão ao vivo seja realizada pela emissora, o que acaba expondo as limitações técnicas do programa. No entanto, o termo “ao vivo” não é inexistente no programa. No bloco final, no período anterior ao encerramento do programa, o apresentador faz um chamado ao telespectador: “*Agora vamos ao vivo à redação do Seu Jornal*”. Em seguida, Ribeiro fala com outro jornalista, que geralmente é um dos repórteres do programa, para falar sobre as últimas notícias do dia. Nesse momento o programa está utilizando uma maneira de contornar a sua falta de capacidade em cobrir e exibir assuntos que aconteceram no período mais próximo à exibição do programa. Como ele falha em outra estratégia, que é a exibição da redação ao fundo – recurso bastante utilizado pelos telejornais como forma de mostrar que a notícia está acontecendo e que o trabalho não para -, a maneira encontrada pelo programa é mostrar a redação na tela, com uma jornalista lendo as notícias na tela de um computador, enquanto a redação (mesas e computadores com alguns jornalistas trabalhando) aparece ao fundo. Em nossa opinião, o recurso é muito mal utilizado, já que além da leitura das notícias na tela do computador, a redação, em sua divisão de mesas, mais parece um escritório. O recurso do programa para contornar uma limitação acaba contando negativamente para ele.



Figura 6: A repórter Michelle Gomes, ao vivo, da redação do telejornal.

A exibição de série de reportagens deixa transparecer a produção e o investimento do programa e também da emissora. Apesar da série ser produzida por uma emissora educativa, cuja escassez de recursos limita o trabalho, o canal fez certo investimento de tempo e recurso, que é percebido nas diferentes localidades aonde a repórter vai, as diferentes fontes ouvidas pela matéria. Na exibição da série de reportagens sobre a chuva, na semana de 12 a 16 de dezembro de 2011, é claro que a produção é bem maior do que a série de matérias produzidas pelo programa, no período de 23 a 27 de janeiro de 2012, sobre a desocupação da localidade do Pinheirinho, na cidade de São José do Rio Preto, em São Paulo. As reportagens da chuva foram feitas com tempo. Por se tratar de um período que antecedia a época de chuvas na região do ABC, então, foi mais previsível e calculado pela equipe do programa. A série do Pinheirinho, no entanto, não demonstra a mesma produção da primeira, uma vez que a própria desocupação aconteceu repentinamente. Isso fica claro nas fontes ouvidas, nas imagens utilizadas pelos programas. Muitas dessas imagens são da Causa Operária TV e a qualidade é ruim. Imagens com baixa resolução e trêmulas denunciam o amadorismo da gravação. A Causa Operária TV é ligada ao Partido da Causa Operária (PCO) e disponibiliza vídeos em um canal no Youtube. Na internet, o vídeo do grupo sobre a desocupação do local - que teve trechos usados pela reportagem - registrou quase 40 mil acessos. A

instantaneidade do assunto deixou a emissora sem capacidade de produzir algo mais elaborado como a série das chuvas e expôs sua limitada capacidade técnica.

No Seu Jornal, o apresentador faz o papel de porta-voz do telejornal, logo, daqueles que querem a “transformação social” do Brasil. Numa das reportagens, sobre o aumento de passagem do transporte público de Diadema²⁸, o apresentador fala sobre a participação de um telespectador, que enviou vídeos. A matéria é construída a partir das imagens enviadas pelo colaborador. Ao fim da exibição, o apresentador diz para a câmera:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Isto é organização social. Isto é um instrumento poderosíssimo para a população brasileira requerer, requisitar, solicitar o que é de direito a ela”.
--	--

O apresentador considera importante que o colaborador do programa tenha enviado vídeo com manifestações contra o aumento da passagem de ônibus no município porque, segundo ele, isso é “organização social”, indicando que todos os brasileiros devem fazer uso dessa estratégia.

A figura do mediador é muito importante dentro do telejornal. O apresentador é a cara do programa, logo, sua figura mais importante dentre os mediadores. O papel de Ribeiro é também dizer o que é bom ou ruim, alegre ou triste para o telespectador. Em uma das edições do programa, Ribeiro começa com uma notícia sobre o ex-presidente Lula.

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“E o Seu Jornal começa com uma boa notícia. Eu diria que uma ótima notícia. O tumor do ex-presidente Lula regrediu 75%”.
--	--

É evidente que a recuperação de um ex-presidente – assim como de qualquer pessoa que sofre da enfermidade – é algo a ser comemorado, mas o apresentador reforça a ideia da “boa notícia” chamando pra si a responsabilidade: “*Eu diria que uma ótima notícia*”,

²⁸ Edição do dia 13 de dezembro de 2012.

complementa Ribeiro. Aqui o apresentador deixa clara a sua opinião sobre assunto, mas também ao começar a frase com “O Seu Jornal”, ele chama para si a responsabilidade de falar pelo programa.

Em outra edição²⁹, ao falar sobre o fechamento de uma estrada que servia de acesso entre os moradores de São Bernardo do Campo e Santo André, e era “muito importante”, o apresentador diz antes da exibição da reportagem:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“E o nosso primeiro assunto é triste. Moradores de duas cidades da região do ABC acordaram hoje impedidos de usar uma estrada muito importante”.
--	--

Em dois momentos distintos o apresentador faz uso de adjetivos para dar sentido à reportagens. No primeiro caso, ao falar sobre a regressão do tumor do presidente Lula, nós entendemos que o “boa notícia” serve para reforçar o sentido que se pretende na notícia. A partir da relação construída com a audiência, entendemos que esse telespectador estaria mais inclinado a atribuir esse mesmo sentido. No final da reportagem o apresentador, talvez numa tentativa de evitar que a reportagem seja acusada de sensacionalismo ou de uso político, diz:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Você não viu ninguém afetado nessa reportagem, mas demonstrando claramente muita tristeza”.
--	--

Outra figura bastante significativa no programa é o repórter Carlos Carlos. Muitas vezes ele é identificado como vídeo-repórter. Isso acontece quando ele é responsável também pela gravação das imagens, além de conduzir as reportagens. Num telejornal de uma TV sindical, carregado de notícias políticas, Carlos Carlos é a juventude no programa. Alguns dos outros repórteres são jovens também, mas estão sempre relacionados às pautas políticas e mais duras enquanto Carlos Carlos tem muitas de suas matérias relacionadas à cultura, arte e juventude. Na edição do dia 15 de dezembro, o repórter entrevista o músico Rapadura Xique-Chico, que mistura rap com repente.

²⁹ Edição do dia 15 de dezembro de 2011.

O repórter usa, durante as entrevistas, um vocabulário informal e incomum para o telejornalismo, como “*E aí, firmeza, vei?*”, ao iniciar o bate-papo com o artista nordestino. Também na mesma edição, o repórter é responsável pela reportagem que mostra o funcionamento e a organização do Movimento Ocupa Sampa, inspirado no Occupy Wall Street, de Nova Iorque. Ao questionar um dos participantes sobre o movimento, Carlos Carlos pergunta “*O que é que tá rolando?*”. Na edição do dia 12 de dezembro, o repórter cobre a polêmica envolvendo o Metrô de São Paulo e grafiteiros, que foi relatada anteriormente. Carlos Carlos acaba construindo uma trajetória no programa que acaba levando o público a identificá-lo como o mediador da área de cultura e artes, embora o repórter atue em matérias com outros focos. Segundo Gomes:

“... o modo de endereçamento diz respeito também aos vínculos que cada um dos mediadores (âncoras, comentaristas, correspondentes, repórteres) estabelece com o telespectador no interior no programa e ao longo da sua história dentro do campo, à familiaridade que constrói através da veiculação diária/semanal do programa, à credibilidade que constrói no interior do campo midiático e que “carrega” para o programa, ao modo como os programas constroem a credibilidade dos seus profissionais e legitimam os papéis por eles desempenhados.” (GOMES, I. 2007, p. 24)

De certa forma, entendemos também que a figura de Carlos Carlos traz uma imagem mais nova e jovem ao programa. Não o jovem que está interessado em consumir e badalar, mas aquele que, politicamente, é ativo, que participa de manifestações e está interessado no que acontece na cena cultural e também no universo político do país. Dentro da análise do modo de endereçamento, o mediador deve ser observado a partir da noção de performance. Segundo Itania Gomes, “noção põe em relevo o caráter interpretativo do desempenho dos atores, dos mediadores televisivos: o ator representa a partir de seu próprio corpo, de suas próprias características, mas ele desempenha um papel” (GOMES, I. 2007, p. 25). Seja através da linguagem ou da sua presença física em protestos, misturado aos manifestantes, por exemplo, consideramos que o repórter Carlos Carlos seja aquele aonde podemos ver melhor essas marcas da noção de performance, seja com o linguajar informal ou quando ele apanha da polícia em um protesto por estar no meio dos manifestantes.

Do ponto de vista da organização temática do programa, o trabalhador do Seu Jornal é o cidadão que está interessado nas mudanças sociais pelas quais o Brasil passou nos últimos anos. Direitos humanos, política e cidadania são os interesses pressupostos pelo programa para seu público. Além dessas questões, outro assunto muito caro ao programa é o da solidariedade. Não são poucas as referências a essa questão no telejornal. Na edição do dia 13 de dezembro de 2011, por exemplo, após uma matéria sobre o número de crianças e adolescentes que desaparecem todos os anos no Brasil, o apresentador convoca o telespectador para a questão:

APRESENTADOR: Carlos Ribeiro	“Vou te pedir uma ajuda porque tenho certeza que você pode ajudar a encontrar as crianças e adolescentes desaparecidos. Acesse o nosso site e veja a lista de pessoas que permanecem, lamentavelmente, desaparecidas e saiba como ajudar. Está logo abaixo do player de vídeo. Lá você encontra todas as informações necessárias e vai fazer um bem incrível a uma família”.
--	--

Entendemos que ao fazer uso desse tipo de estratégia, o telejornal pretende mostrar que a “transformação social” pela qual o país passa está diretamente atrelada a uma sociedade que se importa com o outro. Ainda sobre a organização temática do programa, o *Seu Jornal* traz o esporte para dentro de seu espaço, mas o tempo e os recursos dedicados a esse assunto é ínfimo. A participação do comentarista Anderson Carvalho acontece nos minutos finais do programa e ele não conta com nenhum outro recurso visual, como exibição de lances de jogos, em sua participação.

O *Seu Jornal* é um telejornal que apresenta fortes marcas de defesa das políticas públicas implantadas pelos governos do ex-presidente Lula e da presidenta Dilma Rousseff, ambos do PT. Ao mesmo tempo, o programa assume o discurso de ser fazer o oposto do que fazem os telejornais da “grande imprensa”, embora cometa alguns dos “erros” apontados nesses programas. A defesa, no entanto, não é vaga, sem fundamento. Através de matérias e reportagens, o programa tenta mostrar os resultados dessas políticas públicas no cotidiano dos moradores da Grande São Paulo. Apesar dessa defesa, o *Seu Jornal* não deixa de mostrar problemas que estão diretamente ligados às questões básicas de amparo à população e que são de responsabilidade do Estado, como,

por exemplo, no caso da população desabrigada para a construção do estádio que vai receber jogos da Copa do Mundo em São Paulo. Mesmo a obra tendo o aval do Governo Federal, o programa não deixou de mostrar como o processo pode ser desumano com aqueles que não são amparados. Aqui, relembro que o próprio presidente da Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, que detém a outorga da emissora, afirma que o papel do canal é “ser um canal de amplificação da voz dos movimentos sociais”. Apesar de uma das marcas de boa parte dos movimentos sociais ser o ativismo político, a fala do presidente dá uma dimensão da importância que a própria televisão tem no país como um veículo de massa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da TV dos Trabalhadores (TVT), sem dúvida alguma, representa um avanço na democratização da comunicação no Brasil. Com a expansão da internet, a informação passou a ser divulgada com mais rapidez e o fluxo mudou. Apesar disso, a TV continua como um dos mais poderosos meios de comunicação do país, principalmente por sua penetração no território nacional: mais de 97% da população tem pelo menos um aparelho de televisão em casa. Embora esteja longe de ser uma das maiores emissoras do país, a TVT trouxe uma proposta diferente para o setor. Sua criação atendeu aos anseios de uma parcela da sociedade civil que não se sentia, nem se sente representada pelas grandes redes de TV.

Para o Movimento dos Sem Terra:

“O povo tem o direito de organizar seus próprios meios de comunicação social, de forma associativa. E o Estado deve garantir os recursos para que exerça esse direito. É preciso democratizar os meios de comunicação, começando por acabar com o monopólio privado dos meios. Atualmente no Brasil menos de dez grupos – constituídos por famílias ou agremiações religiosas – controlam as maiores redes de comunicação, incluindo televisão, rádio, jornais, revistas e portais na internet.”³⁰

A reivindicação é antiga, por isso o surgimento da TVT causou tanto alvoroço. Embora países da América Latina – Argentina e Uruguai - tenham tomado iniciativas no sentido de regular os meios de comunicação e democratizar o setor, o Brasil está estacionado. Enquanto o governo não toca no assunto, o Partido dos Trabalhadores, em resolução de outubro de 2012, logo após as eleições, afirma que:

“aos avanços econômicos e sociais que o nosso projeto político vem implementando e que o povo brasileiro vem assumindo com seu trabalho, sua participação e com seu voto, precisa corresponder um novo ciclo de democratização política e participação popular. Com destaque para a democratização da comunicação social inclusive para evitar que ocorram – como ocorreu nestas eleições – campanhas midiáticas com o claro objetivo de incidir no processo eleitoral.”³¹

A imprensa brasileira é comumente acusada de ser conservadora. Nesse sentido, vemos como positiva a criação da emissora e, mais ainda, de um telejornal cujo objetivo é

³⁰ Disponível em <http://www.mst.org.br/node/7714>

³¹ Disponível em http://www.pt.org.br/arquivos/Balanco_Eleitoral_2012.pdf

mostrar os problemas o cotidiano, os problemas e as conquistas dos trabalhadores. Uma nova antena deve ser inaugurada ainda em 2013, na Avenida Paulista, em São Paulo, o que vai aumentar ainda mais a capacidade de transmissão da emissora.

A Metodologia de Análise de Telejornalismo se mostrou bastante útil na medida em que nos revelou as formas como o telejornal constrói um estilo próprio para sua audiência, em especial o “Seu Jornal”. Com uma pauta majoritariamente política e social, o programa lida à sua maneira com questões caras ao jornalismo, como objetividade, imparcialidade, interesse público e atualidade, entre outros. Entre os quatro operadores de análise, “Mediadores” e “Contexto Comunicativo” foram os que mais se “mostraram” na análise. O contexto no qual o programa surge e o ineditismo da criação da emissora se tornam importantes para observarmos quando e como uma demanda histórica da sociedade civil organizada, através dos sindicatos, pôde ser atendida pelo Estado brasileiro. É sintomático que o surgimento da emissora aconteça na região do ABC, uma das mais ricas e industrializada do país, e berço político de uma dos presidentes mais populares da história recente do Brasil.

Apresentado como o “Telejornal para todos aqueles que buscam um mundo melhor e mais justo”, o “Seu Jornal” traz uma pauta voltada principalmente para questões sociais e políticas, deixando de lado questões e assuntos mais ligados ao que poderíamos definir como “cultura” e “esporte”, por exemplo. Foi possível ver a forte vinculação do programa com questões e bandeiras dos movimentos sociais, como os grupos de defesa de comunidades afetadas por obras relacionadas à Copa do Mundo de 2014. A Central Única dos Trabalhadores (CUT), maior central de trabalhadores da América Latina, também é figura presente no telejornal. É de se esperar que a organização tenha voz, uma vez que o sindicato é filiado à CUT e a relação com o Partido dos Trabalhadores é forte.

O programa, assim como boa parte da dita “mídia alternativa”, se apresenta em oposição às produções das grandes emissoras de TV do país. Apenas para citar um exemplo, em uma das edições, o apresentador do programa, Carlos Ribeiro, em conversa com o editor da Revista do Brasil, Paulo Donizetti, falam sobre a conjuntura econômica do país no primeiro ano do governo Dilma e, a certa altura, são irônicos ao falarem sobre as sugestões e cobranças dos economistas dos jornais e emissoras privadas de TV – segundo eles, esses jornalistas e economistas seriam equivocados ou

até mesmo incompetentes. No entanto, é comum que o telejornal cometa alguns dos mesmos erros que aponta nos outros telejornais, como a falta da voz do “outro”, do contraditório.

Observamos que o telejornal adota uma linha editorial politicamente alinhada com o atual governo federal, sob o comando do Partido dos Trabalhadores. Ao se propor como o telejornal que apresenta “as notícias para a transformação social do Brasil” e, ao mesmo tempo, mostrar positivamente o legado de políticas públicas implantadas pelo governos dos presidentes Lula e Dilma, o programa diz ao seu telespectador que a associação dessas duas questões estão ligadas.

Embora tenham poucos recursos financeiros e tecnológicos para disputar espaço com as grandes redes de TV, o programa adota o formato tradicional, por exemplo, com o uso de bancada. O uso do link ao vivo não existe e a conversa com a redação, que acontece no final do telejornal – quando o jornalista chama um repórter na redação para falar sobre as “últimas notícias” do dia – é dispensável e, de certo modo, acaba sendo empobrecedora para o programa, já que não acrescenta nada. A figura do repórter Carlos Carlos, por exemplo, mostra como o programa quebra com alguns padrões. Um repórter barbudo, que usa camisetas e com linguajar marcado por gírias – a exemplo do “E aí, firmeza, vei?” – costuma apresentar matérias de política e cultura. Considero que a figura de Carlos Carlos é um dos pontos fortes do programa. Assim como a TVT, o “Seu Jornal” é um produto novo no “mercado” brasileiro de telejornais, o que não permitiu observações de outros programas ou trabalhos na área, uma vez que se trata do primeiro telejornal da primeira emissora de TV ligada a um sindicato no Brasil. Acredito que a criação da TV dos Trabalhadores (TVT), sem dúvida alguma, representa um avanço na democratização da comunicação no Brasil.

Concluindo, considero o Seu Jornal como um telejornal voltado para o público que está interessado em ver as mudanças pelas quais o país passou nas últimas décadas, principalmente na área social. Como um programa da TV dos Trabalhadores, o telejornal se apresenta como uma alternativa aos programas telejornalísticos das grandes emissoras do país – privadas e integrantes de grandes conglomerados de comunicação. Logo, pertencem a empresários, aos “patrões”. O telejornal se propõe como um lugar do trabalhador que também está atento a temas como cidadania e justiça social. Considero que apesar dos problemas técnicos e limitações financeiras, o Seu Jornal apresenta uma

linha editorial bastante positiva. A Metodologia de Análise de Telejornalismo permitiu que essas características fossem observadas a partir do contexto social, político e econômico do Brasil, o que é fundamental para entender a importância histórica da criação da TV dos Trabalhadores e, conseqüentemente, do Seu Jornal.

Com a análise do primeiro telejornal ligado a uma emissora de TV sindical, creio que esta monografia é um primeiro passo para futuros trabalhos sobre a TV dos Trabalhadores – e aqui gostaria de registrar a vontade de ver mais canais com este tipo de programação. O trabalho contribui com o Grupo de Pesquisa em Análise de Telejornalismo na medida em que se soma a outras importantes pesquisas de análise, mas lançando o olhar para um produto inédito no país.

8. REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Tradução Jacob Gorender. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

BORGES, Altamiro. **A Ditadura da Mídia**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

GOMES, Itania M. M. . **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise**. **E-Compós** (Brasília), v. 8, p. 1-31, 2007.

GOMES, Itania M. M. . **O ponto de vista de telespectadores quanto às funções de informação, legitimação e entretenimento do telejornalismo: Uma crítica do livro Making Sense of the News, de Klaus Bruhn Jensen**. Contemporânea (Salvador), Salvador/Bahia, v. 3, n. 2, p. 217-249, 2005.

GOMES, Itania M. M. . **Telejornalismo de qualidade: Pressupostos teórico-metodológicos para análise**. **E-Compós** (Brasília), v. 6, p. 1-22, 2006.

GOMES, Itania M. M. . **Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia – Televisão, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 111-130, janeiro/abril 2011.

GOMES, Itania M. M. . **O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n° 2, p. 05-14, 2010. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7537>>

GOMES, Itania M. M. **Brincadeira de Bandido e Mocinho: um exercício de análise do Programa Cidade Alerta**. In: **II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Salvador, 2004. **PDF**. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ii_sbpjour_2004_cc_13_-_itania_gomes.pdf>

GOMES, Itania M.M. (org.). **Gêneros Televisivos e Modos de Endereçamento no Telejornalismo**. EDUFBA, Salvador, 2011.

GOMES, Itania M. M. **Televisão e Realidade**, Salvador, Edufba, 2009. Cópia eletrônica do livro disponível em <http://poscom.ufba.br/arquivos/livro_Televisao_e_Realidade_ItaniaGomes.pdf>

GOMES, Wilson. **Jornalismo e interesse público: Ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal**: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva. 2011. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5969>>

MACHADO, Adriano Henriques. **A influência dos setores católicos na formação do Partido dos Trabalhadores**: da relação com os movimentos sociais à idéia de formar um novo partido. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, CE, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0956.pdf>>

NEVES, Euclides Fagundes. **Bancos, bancários e movimento sindical**. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 2008.

OLIVEIRA, Danilo Duarte. **Jornalismo policial na televisão**: gênero e modo de endereçamento dos programas Cidade Alerta, Brasil Urgente e Linha Direta. Disponível em: <http://www.poscom.ufba.br/arquivos/Poscom-Producao_Cientifica-dannilo_Duarte_Oliveira.pdf>

POGIBIN, Guilherme Gibran. Memórias de metalúrgicos grevistas do ABC paulista. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-18092009-135712/>>. Acesso em: 15-07-2012.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Tradução de Denise Jardim Duarte – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 – (Coleção Clássicos da Comunicação Social)

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Television**: Technology and Cultural Form. London: Routledge, 2003.